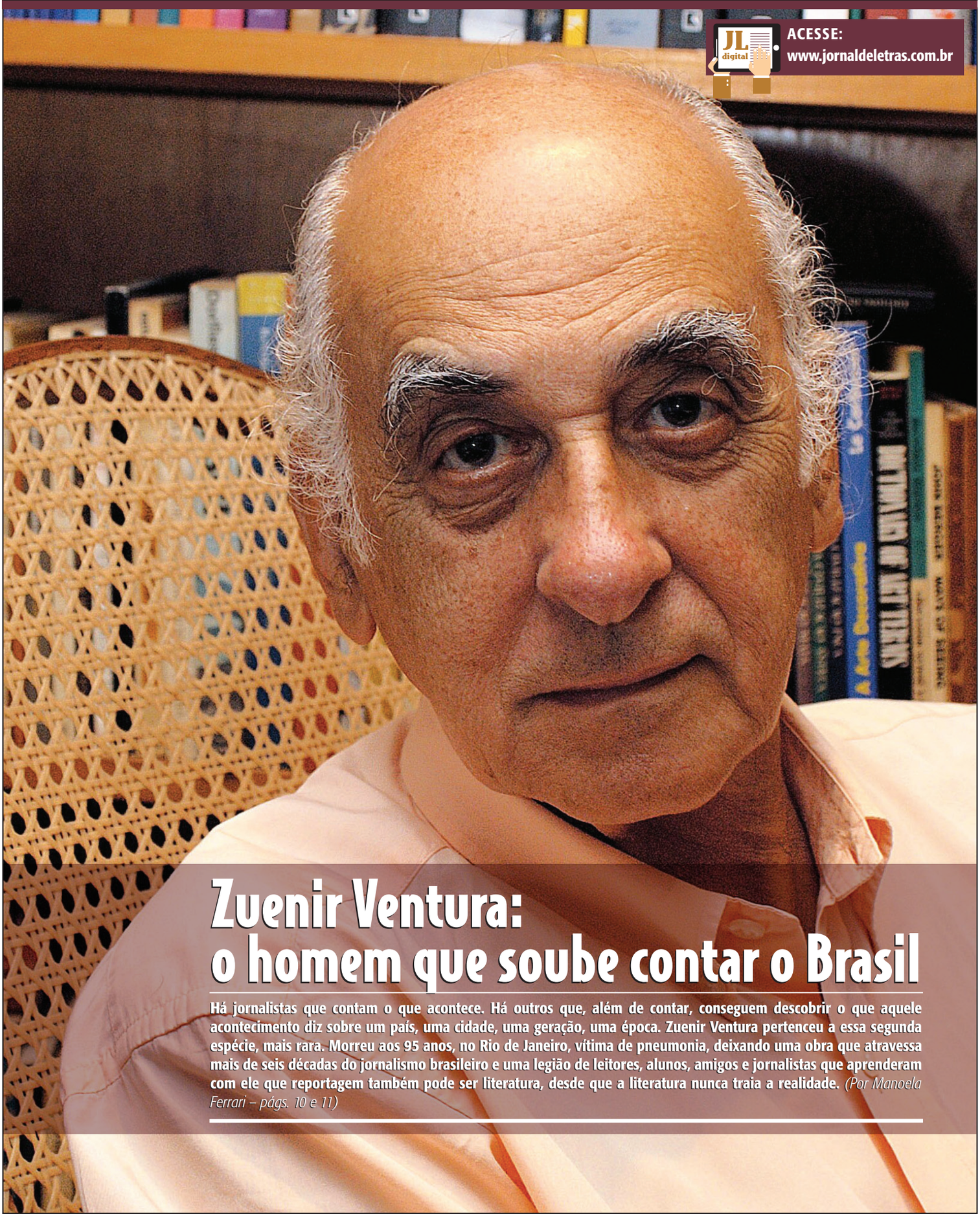
Jornal de Letras

Opiniões
Depoimentos
Novos Lançamentos
Entrevista
Literatura Infantil

Número: 315
Mês: Novembro
Ano: 2026

JL digital
ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br



Zuenir Ventura: o homem que soube contar o Brasil

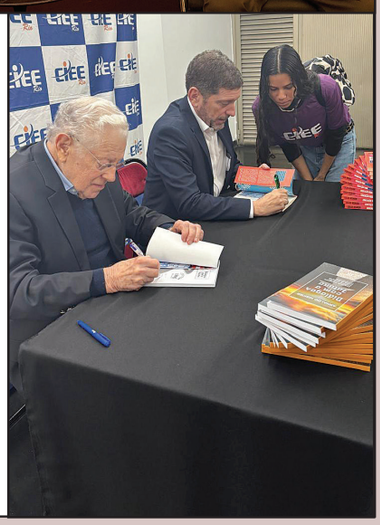
Há jornalistas que contam o que acontece. Há outros que, além de contar, conseguem descobrir o que aquele acontecimento diz sobre um país, uma cidade, uma geração, uma época. Zuenir Ventura pertenceu a essa segunda espécie, mais rara. Morreu aos 95 anos, no Rio de Janeiro, vítima de pneumonia, deixando uma obra que atravessa mais de seis décadas do jornalismo brasileiro e uma legião de leitores, alunos, amigos e jornalistas que aprenderam com ele que reportagem também pode ser literatura, desde que a literatura nunca traia a realidade. *(Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)*

Editorial

O falecimento do jornalista Zuenir Ventura, com 95 anos de idade, significou uma perda para a Academia Brasileira de Letras e também para a imprensa de modo geral, pois ele era muito querido. Foi um ativo ocupante da redação do *Jornal do Brasil*, de *O Globo* e da revista *Fatos & Fotos* durante muitos anos, formando gerações de profissionais muito competentes. Tive o privilégio de ser o seu chefe de reportagem durante muitos anos e é mais do que justo que se faça esse registro.

O EDITOR





No dia 24 de setembro, o Centro de Integração Empresa Escola – CIEE Rio promoveu um encontro especial para o lançamento dos livros *Diálogos com o Futuro*, de Arnaldo Niskier, e *Educação Mais Inteligente* de Celso Niskier. Arnaldo Niskier, ocupante da Cadeira nº 18 da Academia Brasileira de Letras (ABL), e Celso Niskier, Reitor do Centro Universitário UniCarioca, grandes referências da educação brasileira, falaram sobre Inteligência Artificial nos dias de hoje e autografaram livros para os jovens do CIEE-Rio.

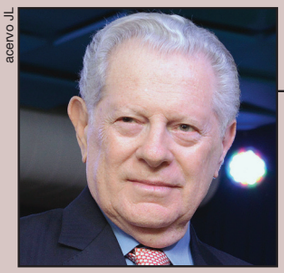
Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O Jornal de Letras é uma publicação mensal do Instituto Antares de Cultura / Edições Consultor.

Opinião Arnaldo Niskier


acervo JL

Mais escolas, sempre

Ao contrário dos últimos governos estaduais, nos períodos em que participei do governo Chagas Freitas, como secretário de Educação (1979-1983) e ainda no governo Rosinha Garotinho, no ano de 2006, dei uma rigorosa prioridade à construção de novas escolas. Concluí que faltavam escolas no Rio de Janeiro e isso era um tremendo prejuízo ao sistema fluminense de ensino. Tive o privilégio de inaugurar 88 escolas, entre elas o C. E. Fany Niskier, o C. E. Rubem Berta, o C. E. Barão do Amparo, a E. E. Almirante Álvaro Alberto, o C. E. Afrânio Peixoto e a E. E. Boavista. Para combater o esvaziamento do campo e garantir o desenvolvimento econômico regional, priorizei o ensino rural por meio da criação do chamado "cinturão do interior" – um corredor de escolas que se estendia de Teresópolis a Itaperuna. Nesse cinturão, as escolas rurais foram fortalecidas para fixar o educando em sua própria região, integrando a educação ao contexto produtivo local.

O fenômeno criticado pelo jornalista Bruno Astuto, no seu belo artigo disponível na revista Ela, de *O Globo*, de 04/10/26, agora se repete, colocando a educação em segundo plano.

A política contemporânea sucumbiu à ditadura das redes: o algoritmo vive do like, e o like alimenta-se do bate-boca estéril, jamais da informação de qualidade. Os candidatos perceberam essa falha de mercado e entregam cinicamente ao público exatamente o que ele consome. No centro dessa miopia coletiva está a educação, tema que todos aplaudem nos discursos, mas que ninguém debate com seriedade nos palanques.

A História é implacável e prova que nenhum país alcançou o topo do progresso sem investimentos maciços no ensino. Nos anos 1950, a Coreia do Sul era mais pobre do que a maioria das nações latino-americanas, mas transformou-se em potência pelo saber. Na Finlândia, prestigiam-se e remuneram-se muito bem os mestres. Na Irlanda, em Singapura e na China, o milagre do avanço econômico tem nome e sobrenome: sala de aula.

No Brasil, contudo, falta vontade pública e recursos. Faltam computadores, professores valorizados, conexão e, em casos dramáticos, até banheiros dignos. Nas últimas décadas, a educação pública foi sistematicamente sucateada. Projetos pioneiros como os CIEPs, que ofereciam horário integral, atendimento odontológico e refeições nutritivas, acabaram abandonados por sucessivos governos. Nenhum candidato atual trata a educação com a urgência devida; faltam prazos, dados consistentes e projetos estruturantes.

Um país sem professores respeitados e sem uma educação de excelência, em escolas modernas e com alunos motivados, jamais conseguirá construir um futuro verdadeiramente grandioso.

"As circunstâncias são as sementes da literatura."

Salvador Rojo

Cultura democrática

Por Marco Lucchesi*

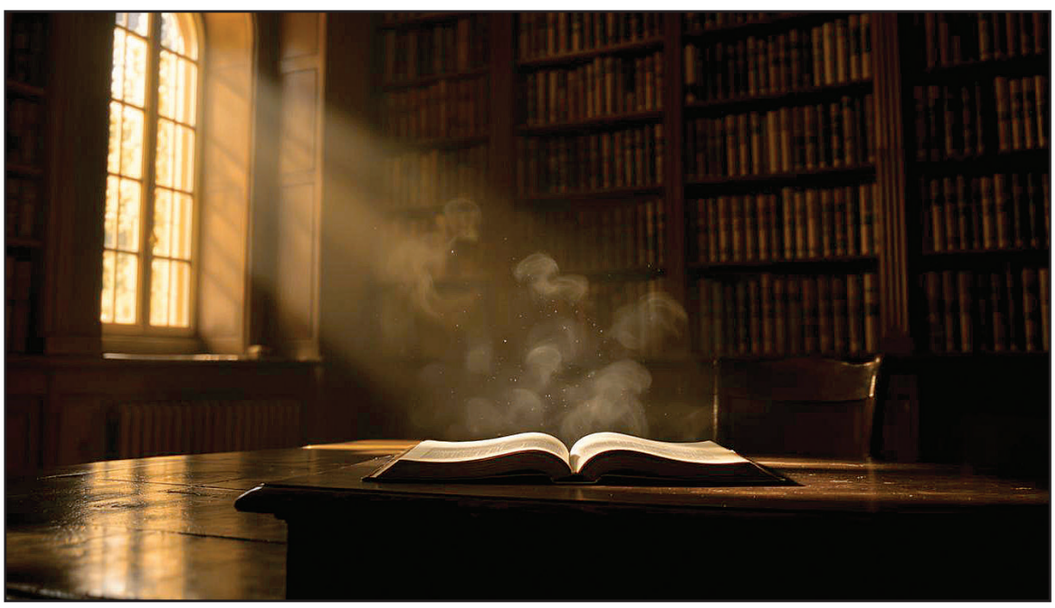
Fundar bibliotecas é um pouco como construir mais celeiros públicos: acumular reservas contra o inverno do espírito.
Marguerite Yourcenar, ***Memórias de Adriano***

No período mais obscuro da história recente do país, quando o regime democrático e o sistema eleitoral eram cotidianamente atacados pelo governo, um número considerável de bibliotecas públicas começou a minguar e morrer, diante de uma política recorrente de agressão ao ecossistema do livro, incluindo escolas e universidades. O resumo da barbárie concentrou-se na supressão do Ministério da Cultura, reduzido a secretaria, vinculada a duas pastas, primeiro à cidadania e, logo depois, ao turismo. Entre raras exceções, os cargos de confiança, dentro e fora da cultura, foram ocupados pelos mandarins da mais alta mediocridade.

Naquele tempo de pura indigência, a infodemia e a pandemia deram-se as mãos, enquanto máquinas mortíferas, ceifando a vida de setecentos mil brasileiros.

As ações para mitigar a Covid-19 dependiam do conhecimento dos indicadores, que o protoditador mandara suspender, optando pela ausência de critério, cujo vácuo informacional foi preenchido pela abominável produção industrial das fake news.

Um dos centros culturais ativos daquele período foi a Academia Brasileira de Letras (ABL), a primeira instituição cultural que fechou as portas, buscando novas formas de sociabilidade virtual.



Mesmo nos períodos mais sombrios, a cultura mantém acesa a luz do conhecimento, da solidariedade e da resistência democrática.

Antes do consórcio da imprensa reunir os indicadores sanitários – obrigação que o Ministério da Saúde descumpriu – a ABL começou a comparar os dados estatísticos e a tomar medidas relativas ao crescimento de casos, que atingia, àquela altura, uma taxa quase exponencial de crescimento.

Toda a programação da Casa passou para a modalidade remota. O teatro, a música de câmara, a leitura de prosa e poesia (lida por todas as regiões do país), os ciclos de conferências, podcasts e pequenas filmagens – todo um cardápio de atividades que se manteve intenso e eficaz.

A ABL enviou mensagem às academias estaduais, reiterando a necessidade do isolamento social, além de incentivá-las a compartilharem seus trabalhos em rede.

Para lidar com a desinformação, a ABL abriu uma página para combater a necropolítica de Brasília, que aconselhava irresponsavelmente a população a sair de casa, enfrentar o vírus, não usar máscara e munir-se de remédios sem eficácia. Médicos e psicanalistas, convidados pela Academia, produziram pílulas de informação, com os dados científicos, que o Ministério da Saúde buscava solapar.

Com o aumento da pandemia, e diante do silêncio do governo, a cada cem mil mortos, a ABL baixava a sua bandeira, com declarações de luto e sentimento às famílias.

Se a meta era vencer o isolamento físico, a Casa de Machado ampliou seus laços institucionais com as Academias do Ocidente, através de mensagens recíprocas e solidárias, provocadas pela presidência, ou mediante protocolos de intenção, informando o que de fato se passava no Brasil. Depoimentos importantes que se integram à história da Instituição. E outras cartas, não poucas, destinadas aos indígenas e comunidades quilombolas, aos enfermeiros e médicos, aos professores e pesquisadores.

A Academia organizou encontros estratégicos e seminários com a SBPC, a Academia Nacional de Medicina, a Fiocruz e a Academia Brasileira de Ciências, nas presidências respectivas de Ildeu Moreira, Rubens Belfort, Nísia Trindade e Luiz Davidovich. Essas agremiações enfrentaram o Pandemônio com a força de sua convicção, a base filosófica e científica, ampliando a noosfera e o diálogo desses agentes culturais, diante de uma democracia estressada.

Em 2021, a ABL desenhou e abriu o primeiro encontro das academias latino-americanas, discutindo o papel dessas instituições no século XXI, na altura do isolamento e das incertezas do futuro, de que resultou a Carta do Rio de Janeiro, trazendo o foco institucional para o exercício de um *ethos* comum.

O elo de ligação com a África foi reforçado, em 2020, com a assinatura do protocolo de amizade entre a ABL e as academias de Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe, numa reunião histórica.

Antes e depois da pandemia, a ABL realizou uma doação orgânica e contínua de livros, em terras indígenas e quilombolas, no programa do Natal sem Fome, chegando aos ribeirinhos da Amazônia, através de acordo com os Navios da Esperança, da Marinha do Brasil, aos centros de privação de liberdade, às escolas públicas do ensino médio, aos asilos e hospitais.

A Diferença fez parte das atividades acadêmicas, como quando a ABL convidou os indígenas guaranis para realizarem palestras, recebidos pelo presidente da Casa em guarani, como um gesto de amizade e defesa dos direitos linguísticos.

Citamos aqui alguns aspectos fundamentais da resistência, de um centro cultural, quando os delírios golpistas e o gabinete de ódio não davam trégua. Não se trata de um modelo, mas de um testemunho inspirado nas ações da presidência da Casa. Ou para quem sabe, exorcizar uma famosa rima de Ruben Dario, sobre epidemias e academias:

De tantas tristezas, de dolores tantos
de los superhombres de Nietzsche, de cantos
áfonos, recetas que firma un doctor,
de las epidemias, de horribles blasfemias
de las Academias, ¡líbranos, Señor!

*Marco Lucchesi é membro da Academia Brasileira de Letras.

Breves

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

◉ Tom Cardoso, jornalista e autor de perfis de Nara Leão, Caetano Veloso e Chico Buarque, buscou captar as múltiplas facetas do acadêmico Gilberto Gil em *Nem Tanto Exotérico Assim: Seis vezes* Gil (Editora 34).

◉ Entre o riso e a reflexão, *O Século dos Imbecis* (Editora Biblioteca Azul), de Walter Hugo Mãe, investiga as contradições da vida e questiona os valores que ainda podem nos salvar em tempos de excessos.

◉ *Maria Lúcia Alvim e A Poesia das Imagens* (Relicário), organizado por Patrícia Lavelle e o acadêmico Paulo Henriques Britto, reúne ensaios e poemas inéditos acerca da obra da poeta.

◉ *Em Nos Bares da Vida: Minha história de empreendedorismo e construção de um legado para São Paulo* (Matrix), Álvaro Aoas, empresário por trás do icônico Bar Brahma, mostra que o sucesso não nasce de trajetórias perfeitas.

◉ O CEO do LinkedIn, Ryan Roslansky, e o diretor de oportunidades econômicas da empresa, Aneesh Raman, lançaram *Open to Work: Como o LinkedIn pode ajudar você a prosperar na era da IA* (Intrínseca), com dicas práticas para ajudar qualquer pessoa a se capacitar no novo mercado de trabalho.

◉ Num ambiente de homofobia arraigada e de poucas expectativas para o futuro, Thallys Braga narra em *Filho* (Companhia das Letras) que a distância entre o subúrbio de Inhoaíba, onde nasceu, e a Zona Sul carioca é muito maior do que os sessenta quilômetros que os separam.

◉ *Vitrolanews – 18 anos de cobertura musical independente – Jornalismo fora da grande mídia* (Ed. Telha) reúne a produção do jornalista e idealizador do projeto Vitrolanews, André de Sant'Anna.

◉ O pesquisador e jornalista Márcio Bastos reconta em *Lantejoulas no Mangue* (Autêntica) os detalhes a trajetória do grupo de teatro pernambucano *Vivencial*.

◉ Na poesia de Moisés Alves, em *Ilusões Bárbaras* (Círculo de Poemas), há sempre uma conversa acontecendo ou tentando acontecer.

◉ *Em Medo e Raiva* (HarperCollins), o filósofo Renato Noguera busca desconstruir estereótipos acerca desses afetos sombrios.

◉ *Histórias do Centro do Mundo* (Editora Cosac Naify), de Jordan Elgrably, é uma coletânea de 25 contos de autores consagrados e emergentes do Oriente Médio e do Norte da África.

◉ *Para escrever as Guerras de Lixo* (Zahar), o jornalista Alexander Clapp passou dois anos seguindo o rastro do lixo pelo mundo.

◉ *O Crepúsculo da Razão Ocidental* (Editora Lumen Juris), de José Andrés Lopes da Costa, alerta para a distorção de conceitos como democracia, liberdade, legalidade e justiça.

◉ Com orelha de Emicida e depoimentos de Ryane Leão e Preta Ferreira, *Colmeia* (Malê) reúne poemas escritos entre 2012 e 2020 por Mel Duarte.

◉ *Em sua nova obra Seguidores de Hitler* (Crítica), o historiador Richard J. Evans traça retratos complexos, renovados e muitas vezes surpreendentes dos homens e mulheres que criaram e serviram à Alemanha nazista.

◉ *Queima o Velho* (Editora Dromedário), de Luís Pimentel, reúne narrativas curtas que flagram as perversidades do cotidiano.

◉ Novo romance de Mafra Carboneri, *A Família Balarim* (Reformatório) narra a vida de um jovem pianista no estado de São Paulo.

◉ Em *Desacelerar, Leveza, Atenção: Caminho para encontrar o silêncio e habitar a própria casa* (Edições Loyola), o autor José Laercio de Lima apresenta em três palavras uma reflexão que pretende levar os leitores a um caminho de mais harmonia.

◉ *Os que Amam, Odeiam* (Editora Companhia das Letras), de Adolfo Bioy Casares e Silvina Ocampo, é o único romance escrito pelo casal. Clássico policial argentino, combina mistério e ironia.

◉ *Espaço Aéreo* (Editora Fósforo), de Cláudia Cavalcanti, finalista do Prêmio São Paulo de Literatura, apresenta a breve e bem-humorada história de Suzana Molinos.

◉ *O Ofício do Vento: Sonetos sobre cultura e poder* (Pinard), livro de Pedro Machado Mastrobuono, nasce como um gesto de resiliência diante do esvaziamento sistemático das políticas públicas de cultura.

◉ *Fidel Castro – Uma revolução só pode ser filha da cultura e das ideias* (Expressão Popular) reúne uma seleção feita por René González Barrios de seis discursos de Fidel Castro, proferidos entre 1960 e 1999.

◉ Tanussi Cardoso, autor de 16 títulos, celebra com a nova coletânea *Absurdo Coração* (Editora Patuá), oito décadas de vida.

◉ Em *Mude sua Vida com Jane Austen* (Principium), a jornalista e especialista em literatura Carla Gracia mergulha na vida e na obra de Jane Austen (1775-1817) para revelar como os romances de uma das maiores escritoras da história continuam inspirando leitores de todas as gerações.

◉ A música realizada por conjuntos tradicionais africanos é a base da investigação de Marcos Branda Lacerda na obra *Estudos sobre Música Africana e Afro-brasileira* (Edusp).

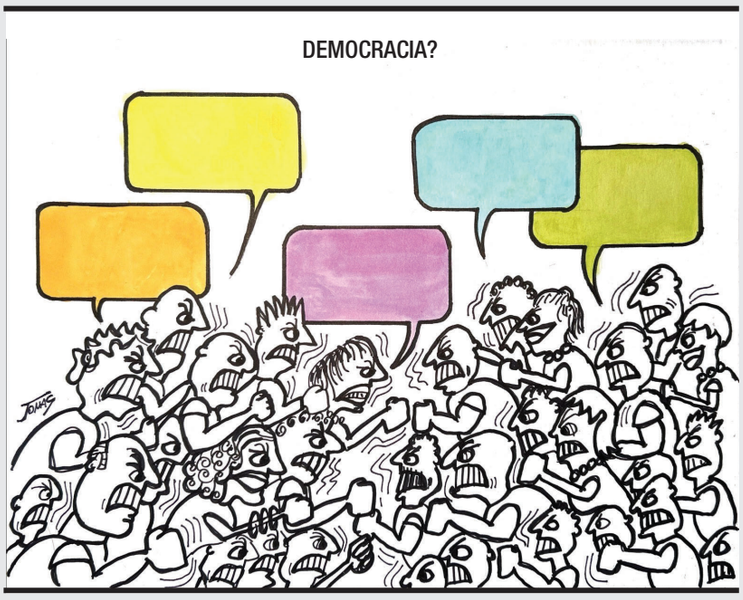
◉ *Em Três Tristes Tigres* (Pinard), Guillermo Cabrera Infante percorre a boemia de Havana nos anos 1950 através de um grupo de amigos às vésperas da Revolução.

◉ A escritora dinamarquesa Ditte Holm Bro investiga uma amizade que se desenvolve em meio a debates sobre papéis de gênero tradicionais dos anos 1950 em *Cada Vez Que Você Respira, Inala o Pó dos Nossos Ossos* (Rua do Sabão).

◉ A partir de uma narrativa visual potente, que combina geometria e arte, Helena Gomes e Carla Irusta apresentam em *Redondo Quadrado* (Rocquinho) as retas e curvas que formam as figuras do dia a dia.

Humor

Por Jonas Rabinovitch jonasrabinovitch@gmail.com



Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Sem linguiça

"Rosana disse que não comeria pizza com linguiça calabreza de jeito algum."

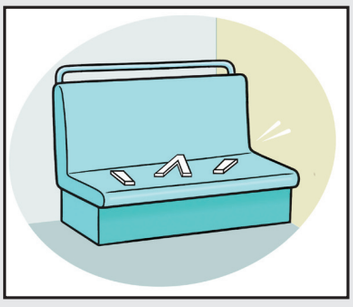
Esse prato nem existe no cardápio!

A grafia correta é **calabresa**, com **s**.

Para relembrar: segundo o Acordo Ortográfico de Unificação da Língua Portuguesa, a palavra linguiça não tem mais o sinal trema, devendo ser grafada sem o mesmo.

Frase correta: "Rosana disse que não comeria pizza com linguiça **calabresa** de jeito algum."

Acento ou assento?



"Laura achou o acento do trem muito desconfortável."

Não poderia ser diferente.

Veja: **Acento** e **assento** são palavras **homônimas imperfeitas**, ou seja, vocábulos com pronúncia igual (**homófonos**), mas com grafia diferente (**heterógrafos**).

Acento – inflexão de voz, sinal gráfico, tom de voz.

Assento – base, lugar de sentar-se.

Frase correta: "Laura achou o **assento** do trem muito desconfortável."

Audiência cancelada

"Ricardo foi à Câmara falar com o vereador da cidade."

Exerceu sua cidadania, mas poderia evitar o **pleonasmo**.

Se Ricardo é **vereador** (cargo eletivo municipal), só pode ser da **cidade** (município).

Frase correta: "Ricardo foi à Câmara falar com o vereador."

Cada um com a sua crença

"Maria Lusa e André não crêem em histórias de finais felizes."

Escrevendo dessa forma, não dá pra crer em nada mesmo!

De acordo com o Acordo Ortográfico de Unificação da Língua Portuguesa, o acento circunflexo nas letras dobradas desaparece: (**voo**, **enjoo**, **creem**, **leem**, **veem**)

Frase correta: "Maria Luísa e André não **creem** em histórias de finais felizes."

Descarrilhamento

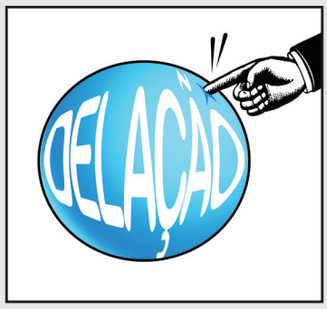
"O bonde descarrilhou antes de chegar à estação."

Descarrilhou ou **descarrilou**?

Tanto faz! Ambas as formas estão corretas.

Descarrilhar (desviar dos trilhos) e **descarrilar** (desviar dos carris). **Carris** é plural de **carril**, sinônimo de **trilhos**, **linhas** (ferroviárias) ou **sulcos** / **rodeiras** (marcas deixadas por rodas no chão).

Delação



"O candidato disse que ia dilatar os demais envolvidos no esquema fraudulento."

Ninguém será preso, pelo visto.

Veja:

Dilatar – tornar maior, mais extenso. "A massa de pão dilatou com a fermentação natural."

Delatar – denunciar (um crime).

Frase correta: "O candidato disse que ia **delatar** os demais envolvidos no esquema fraudulento."

Sociedade acabada

"Armando conseguiu convencer Jorge a entrar de sócio na firma."

Essa sociedade não vai perdurar.

Não se deve **entrar de**, mas sim **entrar como**.

Frase correta: "Armando conseguiu convencer Jorge a **entrar como** sócio na firma."

Erros mais comuns no uso da crase

1. "Eduardo veio ao Pantanal à serviço."

Não se usa crase antes de palavra masculina (serviço).

Frase correta: "Eduardo veio ao Pantanal a serviço."

2. "Acabamos chegando à uma boa decisão."

Não se usa crase antes de artigo indefinido (uma).

Frase correta: "Acabamos chegando a uma boa decisão."

3. "O e-mail é encaminhado à Vossa Majestade."

Não se usa crase antes de pronome de tratamento.

Frase correta: "O e-mail é encaminhado a Vossa Majestade."

Privilegiado

"Anderson não era previlegiado com a amizade do famoso ator."

Nem poderia!

A palavra "previlegiado" não existe. O correto é **privilegiado**.

Frase correta: "Anderson não era **privilegiado** com a amizade do famoso ator."

Moto veloz

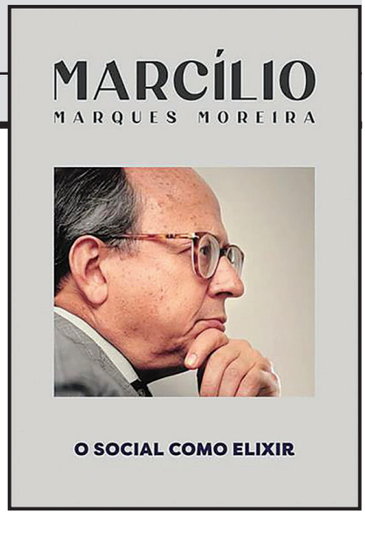
"O motociclista esterçou sua moto entre o corredor de carros com muita perícia."

Perfeito!

Embora desconhecido da maior parte da população, o verbo **esterçar** existe, e significa manejar o volante para a esquerda e a direita.

Marcílio Marques Moreira, *O Social como Elixir*

Por Edmar Lisboa Bacha*



Em seu estudo sobre o liberalismo, Bolívar Lamounier divide os intelectuais públicos em tribunos, profetas e sacerdotes. Marcílio Marques Moreira é um intelectual público por excelência, mas não cabe com facilidade em nenhuma dessas caixas. A visão dos desafios brasileiros que sua autobiografia *O Social como Elixir* (Editora Insight, 2024) propõe não é só a do economista, do financista, do sociólogo, do historiador ou do jurista: é a de um liberal moderno para quem não há construção nacional sem princípios éticos definidos e sem enfrentar a pobreza que marginaliza parte significativa da população.

O liberalismo lhe veio da infância. Filho de diplomata, viveu em Viena desde 1934; acamado por doença, ouvia os discursos de Hitler e via da janela senhoras judias obrigadas a lavar a rua. Em 1939, privado de seu médico judeu, embarcou com a família no penúltimo navio a deixar Trieste. Daí sua repulsa duradoura a toda forma de autoritarismo.

A consciência social se aguçou na Companhia de Desenvolvimento de Comunidades (Codesco), que criou e presidiu no governo Negrão de Lima. Contra o remocionismo então dominante, urbanizou Brás de Pina mantendo os moradores perto do trabalho e deixando-lhes escolher a própria casa – experiência que inspiraria o Favela-Bairro. Demitido sob suspeita de socialismo, quando na verdade seguia o padre Lebret, concluiu que a pobreza não é apenas mal compreendida: é odiada pelas elites quando delas se aproxima.

Ministro da Economia de Collor, aplicou a ética weberiana da responsabilidade que estudara em *Ética e Economia*. Recusou planos mirabolantes – "sou o Ministro Nada de Plano" –, estancou a gangorra dos congelamentos, renegociou a dívida externa e triplicou as reservas: condições sem as quais o Plano Real não teria sido possível. Na crise do impeachment, costurou o Pacto de Governabilidade e exerceu, de fato, o papel de primeiro-ministro.

Tribuno, profeta ou sacerdote? O livro responde: os três.

*Edmar Lisboa Bacha é membro da Academia Brasileira de Letras.

Chica da Silva e suas várias versões

Por Raquel Naveira

Como ocorre o processo cultural que transforma a história de uma pessoa em mito? Até que ponto a realidade é substituída por narrativas fantasiosas e exageradas? Foi o que aconteceu com Francisca da Silva Oliveira (1732-1796), a Chica da Silva. Chica tornou-se símbolo da sociedade colonial brasileira marcada pela escravidão, pela riqueza dos diamantes que brilhavam no fundo dos rios, pelas complexas questões sociais e raciais do século XVIII.

Chica nasceu no arraial do Milho Verde, em Minas Gerais. Filha de um homem branco, de origem portuguesa, Antônio Caetano de Sá e de Maria da Costa, africana da Costa Mina. Escravizada, Chica pertencia ao médico português, Manuel Pires Sardinha, proprietário de lavras de ouro, no arraial do Tijuco. Teve com ele um filho, Simão Pires Sardinha (1751). Depois foi comprada por João Fernandes de Oliveira, contratador de diamantes do Arraial do Tijuco, atual Diamantina. Com ele viveu em concubinato por cerca de 15 anos e tiveram 13 filhos.

A riqueza e alta posição de João Fernandes permitiram a Chica uma vida de fausto e luxo. De acesso a espaços só frequentados pela elite branca. Após a partida de João Fernandes para Portugal, Chica permaneceu em Diamantina, no belo casarão que João Fernandes construíra para ela. Foi sepultada na igreja de São Francisco de Assis, cercada de respeito e prestígio.

João Fernandes levou alguns de seus filhos homens para Portugal, onde receberam educação superior e ocuparam cargos importantes. Chica ficou com o filho mais novo e com as filhas. As meninas foram levadas ao convento de Macaúbas, onde receberam a melhor formação para a época. Chica, mulher de seu tempo, ficou amparada, em situação financeira confortável, rodeada por mais de cem escravos que cuidavam dos serviços domésticos ou eram alugados para o trabalho nas minas. Chica não exerceu papel de redentora, nem há registro de que tenha concedido liberdade aos seus escravizados.

Depois de sua morte, tornou-se desconhecida. No entanto, corriam na região histórias orais sobre o auge de seu quase reinado no Tijuco. O jornalista, político e advogado da família de Chica, Joaquim Felício dos Santos (1828-1895), foi o primeiro a registrar por escrito a história de Chica da Silva, em capítulos publicados no jornal *O Jequitinhonha*. O material foi reunido num livro intitulado *Memórias do Distrito Diamantino*, em 1868. A seguir, em 2003, a professora e historiadora mineira, Júnia Ferreira Furtado (1960), lançou seu estudo *Chica da Silva e o Contratador dos Diamantes: O outro lado do mito*, editora Companhia das Letras. Júnia reconstruiu documentalmente a personagem lendária e desmontou o mito de uma Chica da Silva extravagante e fatal.

Em 1953, foi publicado o *Romanceiro da Inconfidência*, da poetisa carioca, Cecília Meireles (1901-1964), pela editora José Olympio. É uma obra épica, uma das mais importantes da poesia brasileira do século XX. Recria poeticamente a Inconfidência Mineira, ocorrida em 1789, com destaque para figuras como Tiradentes, Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Chica da Silva. Romanceiro... uma coleção de poemas narrativos, um cancioneiro popular. Inconfidência... falta de lealdade, de fé, de fidelidade ao Estado, a um governo, a um soberano. Traição à rainha Maria I, a Louca de Portugal. Mesmo depois de tantos anos, a leitura desse Romanceiro é muito forte e dramática.

Cecília dedica vários "romances" ou "cantos" a Chica da Silva como o "Romance XIV ou da Chica da Silva", em que nos apresenta a personagem:

"Que andor se atavia
Naquela varanda?
É a Chica da Silva:
É a Chica-que-manda!
Cara cor da noite,
Olhos cor de estrela,
Vem gente de longe
Para conhecê-la.
Escravas, mordomos
Seguem, como um rio,
A dona do dono
Do Serro frio.
(Doze negras em redor,
– como as horas, nos relógios.
Ela, no meio, era o sol!)"

.....

No Romance XV ou "Das Cismas da Chica da Silva", aparece uma figura dúbia e traidora, o conde Valadares, enviado de Portugal para fiscalizar o trabalho do contratador João Fernandes. Chica fareja o perigo:

"Na sua cama dourada,
Chica da Silva não dorme.
Pensa nas falas do Conde,
Pensa no ouro, e desta sorte
Aconselha a João Fernandes:
_Hoje todo o mundo corre,
Senhor, atrás de riquezas:
nem é doutro mal que sofre
esse vosso falso amigo,
esse Conde de má morte.
Quem sabe o que o traz tão longe?
Quais serão as suas ordens?"

Confirma-se o mau pressentimento de Chica no Romance XVI ou "Da Traição do Conde":

"Oxalá não traga o próprio
Más novidades da Vila.
Tenho o coração parado
Como se não fosse viva.
Que este maroto, do Reino
Ao Tejuco, não viria,
Senão por algum segredo,
Por alguma fina intriga."

Ela chora e suspira, maldiz o conde, a febre do ouro, as sentenças injustas no Romance XVII ou "Das Lamentações no Tejuco":

"(Doze mucamas em volta
Gemiam com surda pena.
Pranto e diamantes caídos
Era tudo um mar de estrelas.")

No Romance XVIII ou "Dos Velhos do Tejuco", a poeta vislumbra que chegará o dia em que todos perguntariam:

"Quem foi a Chica da Silva, que viveu neste lugar?"

E finaliza com o Romance XIX ou "Dos Maus Presságios":

"Acabou-se aquele tempo
do contratador Fernandes.
Onde estais, Chica da Silva,
Cravejada de brilhantes?"

Passemos ao ano de 1963. A escola Acadêmicos do Salgueiro, do Rio de Janeiro, transformou a vida de Chica da Silva em samba-enredo. O desfile apostou em muito luxo, cenários de igrejas barrocas, perucas brancas, saiotes de seda deslizando pela avenida. O impacto visual foi criado pelo carnavalesco Arlindo Rodrigues. A mesma escola trará o tema Chica da Silva, no ano de 2027. *Laroyê Xica da Silva: A história por trás da História.* A letra assinada por Jorge Silveira e Leonardo Antan procura separar a mulher histórica, real, dos mitos e lendas que surgiram em torno dela.

Talvez tenha sido esse primeiro desfile que inspirou o cineasta Cacá Diegues (1940-2025) a produzir, em 1976, o célebre filme "Xica da Silva", estrelado pela atriz Zezé Motta (1944). Xica da Silva aparece na tela exuberante, sensual, deusa de ébano de olhar penetrante, agressivo e desafiador. O mito ganhou um corpo e uma voz.

A novela da extinta TV Manchete, que foi ao ar entre 1996-1997, apresentou a jovem atriz Taís Araújo (1978) no papel-título. O texto era de Walcyr Carrasco (1951) e direção de Walter Avancini (1935-2001). A trama foi inspirada nos livros *Chica que Manda*, de Agripa Vasconcelos, e *Xica da Silva*, do já citado João Felício dos Santos. Uma novela de gosto duvidoso, apelativa, com cenas de nudez, feitiçarias e torturas físicas.

Surge agora o relato *Meu Nome* é *Francisca: Uma história de Chica da Silva*, de autoria da historiadora carioca Mary Del Priore (1952). Trata-se de um monólogo na voz de Chica. A autora destaca questões como o sincretismo, a mistura das religiões cristã e africana; o folclore com cantigas e descrição de festas populares; a mestiçagem como uma espécie de "avalanche". Casos como o relacionamento de Chica e João Fernandes eram comuns naquela sociedade fluida, branqueada, onde mulatos enriqueciam e mulheres jogavam com as armas da sedução e da resistência.

Mary exalta a beleza de Chica, que herdara a harmonia das pretas mina: pernas longas, olhos negros, nariz pequeno, lábios cheios. Além de se mover com graça e doçura. João Fernandes apaixonou-se. Mary faz um retrato de cada um dos filhos de Chica e seus destinos, enquanto o Tijuco vira uma cidade movimentada pelo garimpo, com sua realidade de feitores, vigias, roubos e desvios.

Chica amava teatro e montou um palco na sua chácara Palha. Dedicava-se a obras sociais. Uma personalidade brilhante. Embora João Fernandes amasse Chica, um dia precisou partir. O pai havia lhe deixado uma herança, ameaçada por uma madrasta obstinada. Ela sabia que ele não voltaria. A vida seguiu em frente. Envelheceram irremediavelmente separados por um oceano que parecia feito de diamantes líquidos.

Mary conclui que, sobre os ombros dessa extraordinária personagem, estão os historiadores que contaram sua história. Unimo-nos a eles, a tantas e diferentes versões, enquanto ouvimos a voz de Chica da Silva. Chica, uma alma, um fantasma ainda vagando pela névoa das serras.



Referências bibliográficas

– DEL PRIORE, Mary. *Meu Nome é Francisca: Uma história de Chica da Silva.* Rio de Janeiro: José Olympio 2026.

– MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

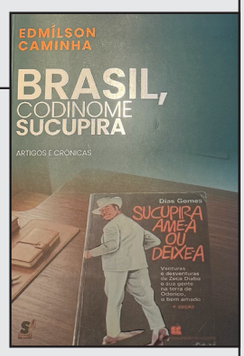
Livros e Autores

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com



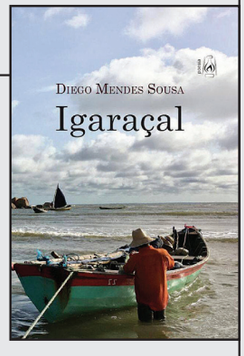
Diálogos com o Futuro

Diálogos com o Futuro (Edições Consultor), novo livro do acadêmico Arnaldo Niskier, reúne reflexões sobre os grandes desafios que se apresentam à sociedade contemporânea. Educação, tecnologia, inteligência artificial, conhecimento e os caminhos do desenvolvimento aparecem como temas centrais de uma obra que procura compreender o presente para pensar o futuro. Com a experiência de quem há décadas acompanha as transformações da educação brasileira, Niskier propõe um diálogo entre inovação e humanismo. Ao refletir sobre as mudanças provocadas pela revolução tecnológica, o autor chama a atenção para a necessidade de preservar o pensamento crítico, a ética e a formação integral do indivíduo. O futuro, em suas páginas, não é apenas uma questão de tecnologia, mas de escolhas, responsabilidade e conhecimento. É também um convite à reflexão sobre o mundo que estamos construindo e sobre o papel da educação diante de tantas mudanças. Professor, jornalista, escritor e pedagogo, Arnaldo Niskier é membro da Academia Brasileira de Letras, onde ocupa a Cadeira 18. Doutor em Educação pela UERJ, foi secretário de Estado de Educação e de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro e presidente da ABL. Autor de centenas de livros, construiu uma trajetória marcada pela defesa da educação e da cultura brasileiras.



Brasil, Codinome Sucupira

Brasil, Codinome Sucupira (Sarau das Letras), de Edmílson Caminha, reúne crônicas escritas ao longo de mais de seis décadas, em que o autor percorre um Brasil surpreendente. Com olhar atento e espírito crítico, Caminha transforma o absurdo cotidiano em literatura. Entre política, costumes, personagens e episódios que compõem a história recente do país, o autor revisita o Brasil com humor, ironia e uma saudável dose de perplexidade. A crônica torna-se, assim, uma espécie de lente através da qual o passado e o presente se encontram, revelando permanências, mudanças e as curiosas contradições de uma sociedade que tantas vezes parece saída da ficção. O título, uma alusão bem-humorada à Sucupira de *O Bem-Amado*, de Dias Gomes, reforça essa vocação de olhar para o país com inteligência e graça, sem deixar de lado a crítica. Ao reunir memórias, observações e acontecimentos, Caminha faz da experiência de quem testemunhou tantas mudanças uma forma de compreender o Brasil e seus personagens. Nascido em Fortaleza, em 1952, Edmílson Caminha é escritor, jornalista e professor de língua portuguesa e literatura brasileira. Formado em Letras, foi consultor legislativo da Câmara dos Deputados e dirigiu a Rádio Educativa e o Departamento de Jornalismo da TV Educativa do Piauí. É membro da Academia Brasiliense de Letras e autor de diversos livros.



Igaraçal

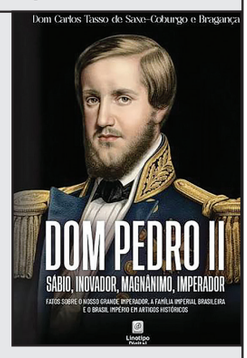
Igaraçal (Ed. Litteralux, 2026), novo livro de poemas de Diego Mendes de Sousa, mergulha nas águas da memória, da infância e da paisagem natal para transformar o litoral piauiense em matéria de poesia. A obra reafirma a força de uma voz lírica profundamente ligada às suas origens. Entre rios, marés, lembranças e palavras de sonoridade ancestral, Diego constrói uma poesia em que território e memória se confundem. *Igaraçal* nasce desse encontro entre a geografia afetiva da Parnaíba e uma linguagem que busca recuperar o encantamento das primeiras experiências. O poeta revisita a infância não apenas como lembrança, mas como território de descoberta, onde o mundo ainda conserva o mistério das coisas inaugurais. Há, em seus versos, uma espécie de arqueologia da alma, feita de imagens, sons e reminiscências. É uma poesia de forte identidade litorânea, atravessada pelo sagrado, pelo mito e pela natureza. Nascido em Parnaíba, no Piauí, em 1989, Diego Mendes de Sousa é advogado, jornalista e escritor. Autor de mais de uma dezena de livros, recebeu o Prêmio Castro Alves da UBE-RJ pelo conjunto da obra e o Prêmio Mário Pires Santana, da Academia Parnaibana de Letras. É membro de instituições literárias como o PEN Clube do Brasil e a Academia Parnaibana de Letras.





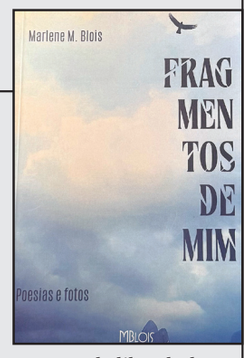
Lugar de Fala

O best-seller *Lugar de Fala*, de Djamila Ribeiro, ganhou edição revista e atualizada pela Rosa dos Tempos, editora do Grupo Editorial Record que é referência na publicação de obras feministas no Brasil. A obra abriu caminho para debates fundamentais e importantes conquistas no movimento negro, além de ampliar, no país, as discussões sobre raça, gênero e classe. Uma das vozes mais influentes na discussão sobre racismo estrutural, feminismo negro e desigualdade no Brasil, Djamila Ribeiro adicionou novos capítulos ao livro, que já foi traduzido para vários países, ampliando o alcance do conceito. A publicação traz ainda prefácio de Chimamanda Ngozi Adichie e apresentação de Grada Kilomba. *Lugar de Fala* foi eleito um dos melhores livros brasileiros de não ficção do século XXI. A lista elaborada com base em votação de cem escritores e críticos literários foi publicada pela *Folha de S. Paulo*. Com o lançamento de *Lugar de Fala*, a Rosa dos Tempos passa também a editar toda a Coleção Feminismos Plurais. A professora Djamila Ribeiro é ativista, escritora e coordena a iniciativa Feminismos Plurais. Entre as obras, *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?*, *Pequeno Manual Antirracista* e *Cartas para Minha Avó*, que já venderam mais de 1 milhão de exemplares.



Dom Pedro II – Sábio, Inovador, Magnânimo, Imperador

Em *Dom Pedro II – Sábio, Inovador, Magnânimo, Imperador* (Ed. Linotipo Digital), Dom Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança, inspirado pelos 200 anos de nascimento do nosso grande imperador Dom Pedro II, de quem é trineto, nos traz uma reunião de aprofundados artigos sobre o imperador e outros personagens, e fatos, relacionados ao tão rico e importante período imperial do Brasil, bem como outros de experiências pessoais, escritos no decorrer de uma vida dedicada à história do Império. Ao longo das 285 páginas da obra, o leitor encontrará artigos de cunho histórico-biográfico. Nascido na Áustria e registrado como brasileiro no Consulado do Brasil em Viena, Dom Carlos Tasso é o filho mais velho da princesa Teresa Cristina de Saxe-Coburgo e Bragança (1902-1990). Sua dedicação ao estudo da História do Brasil começou quando ainda era jovem. Realizou seus estudos na Áustria, Itália e no Brasil, no tradicional colégio Santo Inácio e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, ambas as instituições localizadas na cidade do Rio. Publicou vários trabalhos e até hoje realiza pesquisas históricas e econômicas relativas ao Brasil. É sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sócio correspondente do PEN Clube do Brasil, em Portugal, membro da Academia Portuguesa da História, membro da Real Academia Espanhola de História, membro dos I.H.G. de Petrópolis, PA, RN, RS e SP.



Fragmentos

Fragmentos (iVentura Editora), novo livro da professora, artista plástica e poeta Marlene Blois, reúne 65 poesias e diversas fotografias que revelam um olhar amadurecido pelo tempo e pelas muitas paisagens percorridas ao longo da vida. Entre palavras e imagens, a autora transforma experiências, lembranças e percepções em matéria poética. Como sugere o próprio título, a obra se constrói de partes que, reunidas, formam um mosaico de sentimentos, memórias e descobertas. Em seus versos, Marlene encontra na palavra um espaço de liberdade e de reconhecimento, onde a vida pode ser contemplada em suas diferentes tonalidades. Há poemas que chegam com a luminosidade de uma manhã inaugural e outros que se insinuam com delicadeza, como pensamentos que passam e deixam no ar uma impressão de beleza. A escrita, atravessada pela experiência, não pesa o tempo: ao contrário, faz dele uma fonte de sabedoria, sensibilidade e encantamento. É uma poesia que olha para trás sem nostalgia excessiva e para diante sem temor, acolhendo a existência em sua inteireza. Carioca, Marlene Blois é professora, artista plástica e poeta. Tem formação em Literatura, Educação e Comunicação Social e estudou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Autora de livros de poesia, contos e romances, construiu uma trajetória em que literatura e artes visuais dialogam permanentemente.

O que me falta

Por Gabriel Chalita*

Arrumei as cobertas e com o silêncio da luz apagada abracei a fragilidade. Tive vontade de mãe, de colo de mãe. Tive vontade de chorar a dor.

A vida é dor. Essa é a experiência mais humana entre as humanas experiências. Tive vontade até de acabar. Tudo misturado. Pensei que a morte é melhor do que a dor. Pensei de novo e voltei a ter vontade de melhorar.

A vida é vontade. Sem vontade, ela é nada. Nadei nas lembranças e a solidão do mundo inteiro sussurrava verdades em mim.

Acúmulos desnecessários. Ordens insanas de não parar, de vencer, de exibir poder. Se eu pudesse, ao menos, ter saúde. O resto é nada. Ao menos hoje. Ao menos debaixo dessa coberta.

Enquanto o frio me visitava, eu pensava na falência de uma vida sem amor. E nas grades construídas sem razão. E no maior de todos os desperdícios, o mau uso do tempo.

A possibilidade do fim me convidava ao início. Em meio à dor, imagens bonitas da infância, de dias mansos, de ventos de vozes brincando. De mãe na cozinha chamando para o almoço. De doce de vó.

Embaixo da coberta, o sabor da lembrança. O som diminuído da alegria ainda se deixava ouvir. A poeira do tempo. A porteira dos desejos. Quantos ficaram impedidos de prosseguir. Por razões que desconheço. Por atropelamentos de assuntos. Pela despedida das manhãs onde o acordar era apenas um desejo de brincar.

Os anos foram derrotando o brincar. E, com a ausência do brincar, a leveza foi ficando ao longe. E também a simplicidade de correr descalço no quintal de terra onde tudo crescia, inclusive o amor.

Queria ter podido proibir a morte dos que morreram. Um a um. O barulho das vozes silenciando. O lugar na mesa, vazio. E a proibição do abraço. E a saudade. Na dor do medo da dor, a saudade. A saudade do tempo sem dor. Na doença, a saudade da saúde. Nas pernas desobedientes, a saudade das caminhadas pela margem do rio. Do rio que não para.

A avó dizia que um doce deve ser saboreado. Não se pode comer sem se dar conta de comer.

O mastigar devagar. O andar devagar, mesmo quando se pode correr. Para se ver o rio. Para se ver a velha estação de trem, onde antes vinha muita gente. E muita gente ia. E os barulhos se misturavam aos sentimentos tão desalinhados. Uns abraçavam a chegada, outros choravam a partida.

O remédio é pensar que passa, que tudo passa.

Até os pensamentos ruins. Os que nem sempre são pensamentos, porque o pensamento limpa as bobagens e alivia as bagagens.

O que me falta é saúde. O médico disse que eu me acalmasse. O tempo, esse escapulir constante, hoje me aprisiona. E me ensina.

Tantos desejos desonestos. Tantas palavras estúpidas a mim mesmo. Se eu pudesse, ao menos, um banho em um pedaço de mar. Se eu olhasse a miudeza das coisas e escrevesse poemas sobre elas e as fizesse respirar o dia.

Olho a fotografia dos meus pais, na cabeceira, enquanto desajeito um pouco as cobertas. E sorrio o sorriso deles. Onde estarão agora?

Vejo alguns livros, com os riscados que sempre fiz nas palavras que, dançando com outras palavras, fizeram frases que me fizeram. Gosto e respeito as palavras. E dou vida a elas quando nelas penso. Gosto de pensar bonito sobre o bonito que elas revelam. Sem elas, nada. Nem o pensamento existe sem palavra. Nem mesmo o êxtase diante da música que sai dos instrumentos resiste sem palavras.

O que me falta é acreditar que nada falta. Que o que desperdicei de tempo, desperdicei por não saber. Que se ficar bom novamente, serei melhor. Que a vida é dor porque dor é expansão da alma, da consciência da finitude e da carência do outro.

Da cozinha, sinto o cheiro da infância. Ao longe. Daqui a pouco alguém trará amor para mim. E eu retirarei as cobertas e aceitarei o calor do dia para voltar a caminhar e aprenderei a ir mais devagar. Não por fraqueza. Por sabedoria.

O cheiro da cozinha se mistura ao sono. No sono, o sonho. E no acordar, também.

O que me falta me faz desejar. Uma noite bem dormida. Um dia de experiências bonitas. Alguns abraços. Um ouvido capaz de ouvir. Um sorriso sincero e alguns olhares, alguns olhares de amor.

O que me falta é lembrar sempre que o amor é a respiração que inaugura a vida. Desde o início de tudo até o início de cada instante que nasce para ser vivido. E que, depois, vai embora. Como a dor. Como a gente.

Tudo passa...

*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

Dádivas de nossa língua

Por Edgard Telles Ribeiro*

Há quase quatro décadas, publiquei, pela Fundação Alexandre de Gusmão, do Ministério das Relações Exteriores, uma tese intitulada *Diplomacia Cultural, Seu Papel na Política Externa Brasileira*. Trabalho que, na época, foi pioneiro entre nós – e, até onde estou informado, na América Latina.

Em minha introdução reafirmava certos princípios óbvios, mas nem sempre lembrados, no sentido de que a cultura de determinado país é, por definição, tão rica e variada quanto as culturas de nações próximas ou distantes, independentemente de seus respectivos estágios de desenvolvimento social ou econômico.

Mesmo porque a cultura de determinado povo jamais implicou maior ou menor desenvolvimento desse povo, econômico ou intelectual, sendo, apenas, *a expressão de uma determinada comunidade*. O que importaria, em consequência, seria valorizar essa determinada cultura, de modo a poder, por meio dessa valorização, enriquecer as diferenças que compõem o mosaico cultural universal.

O mesmo se poderia afirmar a propósito de nossa língua portuguesa, hoje um patrimônio de todos os países que integram a CPLP. Patrimônio que nos cabe preservar, seja coletivamente, seja individualmente, atentos que também somos às particularidades das línguas faladas em cada um de nossos países. Sujeitas que são a certas dinâmicas e variáveis comuns a todas as línguas vivas.

No caso do Brasil, contamos com uma rede de ensino no exterior, constituída por uma série de Centros de Estudos Brasileiros (ou estabelecimentos equivalentes), que obedecem a uma dupla diretriz no plano mais amplo da educação: o da difusão da língua acoplado à disseminação de nossa cultura. O idioma funciona assim como fonte irrigadora de nossa literatura, nossa música ou nosso cinema. Na esteira dessas manifestações, também abrimos espaço para as artes plásticas, a dança, a capoeira, a culinária e tudo mais que, por meio de nossa diversidade cultural, nos permita enriquecer um mundo do qual somos igualmente parte.

Mesmo porque, como assinalei acima no caso de nossa cultura, nossa língua também é, por definição, tão rica e variada quanto as línguas de nações próximas ou distantes, independentemente de seus respectivos estágios de desenvolvimento. E, também como elas, o que igualmente importa, nesse processo de transferência, é valorizar o idioma, enriquecendo, por meio dessa valorização, a polifonia que compõe o mosaico linguístico universal.

Que nossa arte ajude nesse processo que acaba sendo uma dádiva adicional.

*Edgard Telles Ribeiro é embaixador aposentado e membro da Academia Brasileira de Letras.

Anne Carson, Nobel de Literatura: a palavra como território de invenção

Manoela Ferrari



Há escritores que habitam o seu tempo. Outros estabelecem pontes entre épocas, como se a literatura fosse uma conversa ininterrupta entre os vivos e os mortos. Anne Carson pertence a essa segunda linhagem. Aos 76 anos, a poeta, ensaísta, tradutora e professora canadense recebeu o Prêmio Nobel de Literatura de 2026, consagrando uma obra singular, na qual a herança dos antigos gregos se encontra com as inquietações do homem contemporâneo. A distinção faz dela a 19ª mulher a conquistar o Nobel de Literatura desde a criação do prêmio, em 1901. Carson vai receber 12 milhões de coroas suecas (cerca de 6 milhões de reais).

Ao anunciar a escolha, a Academia Sueca justificou a premiação pela "obra ousada e inventiva que, em diálogo lúdico com a tradição clássica, criou novas formas para a literatura contemporânea". A formulação sintetiza uma das características essenciais da autora: sua capacidade de revisitar o passado sem se submeter a ele. Em suas mãos, os mitos não são peças de um museu, mas organismos vivos, capazes de iluminar questões que atravessam os séculos, o amor, o desejo, a perda, a solidão e a dificuldade de compreender o outro. A tradição, para ela, não é um lugar de chegada, mas um ponto de partida.

Nascida em Toronto, em 1950, Anne Carson encontrou na Antiguidade Clássica uma vocação que transformaria tanto sua vida intelectual quanto sua escrita. Ainda adolescente, interessou-se pelo grego antigo, aproximando-se de uma língua que lhe abriria as portas de um universo literário extraordinário. Formou-se em Estudos Clássicos pela Universidade de Toronto, onde também concluiu o mestrado e o doutorado. A trajetória acadêmica, porém, nunca confinou sua criação às fronteiras da erudição. Ao contrário, Carson fez do conhecimento filológico uma ferramenta de liberdade, levando a investigação rigorosa das palavras para territórios em que poesia, narrativa, pensamento e tradução se confundem.

Sua estreia em livro, *Eros, O Doce-Amargo*, publicada em 1986, já anunciava a originalidade de seu percurso. Partindo da poesia de Safo, a grande voz lírica da Grécia arcaica, Carson investiga a natureza contraditória do desejo, essa experiência em que prazer e sofrimento parecem inseparáveis. O amor, em sua leitura, não é apenas encontro, mas também distância; não se define somente pela presença do ser amado, mas pela falta que o torna desejável. Ao examinar a linguagem dos antigos, a autora revela a atualidade de sentimentos que nenhuma época conseguiu domesticar.

Essa interlocução entre passado e presente alcança uma de suas expressões mais conhecidas em *Autobiografia do Vermelho*, de 1998. O romance em versos parte de fragmentos do poeta grego Estesícoro para transformar o monstro alado Gerião em um jovem sensível, dedicado à mãe, que se apaixona por Héracles. A antiga lenda se converte em uma narrativa que desafia classificações convencionais e demonstra que um mito pode sobreviver porque admite novas interpretações.

Em Carson, a experimentação não é um artifício destinado a surpreender o leitor. É uma maneira de pensar. A forma acompanha o movimento do pensamento, suas interrupções, dúvidas e descobertas. Por isso, seus livros frequentemente escapam aos limites estabelecidos entre gêneros literários. A poeta escreve como quem investiga; a ensaísta, como quem procura a imagem exata; a tradutora, como quem sabe que toda passagem de uma língua a outra envolve escolhas, perdas e possibilidades inesperadas.

Também a tradução ocupa um lugar central em sua produção. Ao trabalhar com autores como Safo, Sófocles e Eurípides, Carson não se limita a transportar textos antigos para o inglês contemporâneo. Interroga seus silêncios, suas lacunas e a distância que nos separa de suas vozes. Em *If Not, Winter: Fragments of Sappho*, publicado em 2002, os espaços em branco e os versos incompletos da poeta grega permanecem visíveis. O que falta não é disfarçado: integra a própria experiência de leitura. Há, nessa escolha, uma percepção profundamente literária de que a ausência também pode significar, e de que nem tudo o que nos toca precisa chegar até nós inteiro.

Essa sensibilidade à perda reaparece em *Nox*, de 2010, obra concebida a partir da morte de seu irmão Michael, morto na Dinamarca em 2000. A obra assume a forma de uma caixa com páginas dobradas em sanfona, que reúnem fotografias, cartas e outros textos. O livro-objeto desafia a apresentação convencional da página impressa. A memória não recompõe o que desapareceu: reúne vestígios e aprende a conviver com aquilo que permanece inacessível.

Sua obra também atravessa o teatro, a crítica literária e a colaboração com artistas de outras linguagens. Em *Norma Jeane Baker of Troy*, de 2019, aproxima Helena de Troia e Marilyn Monroe, duas figuras separadas por milênios, mas unidas pela transformação da mulher em imagem, mito e objeto de desejo. Ao colocar essas personagens em diálogo, Carson questiona a maneira como a beleza feminina é construída, celebrada e consumida. A Antiguidade, mais uma vez, deixa de ser uma paisagem distante para se tornar um espelho incômodo do presente.

O reconhecimento internacional precede o Nobel. Carson recebeu, entre outras distinções, a bolsa *MacArthur*, em 2000, o *T. S. Eliot Prize*, em 2001, e o Prêmio Princesa das Astúrias de Letras, em 2020. Sua trajetória também inclui uma longa atuação como professora, aproximando o rigor da pesquisa clássica da liberdade da criação literária.

Para os leitores brasileiros, sua obra vem ganhando espaço por meio de traduções que revelam a diversidade de seu universo. Entre os títulos publicados no país estão *Autobiografia do Vermelho*; *Eros, O Doce-Amargo*; *Falas Curtas*; *A Beleza do Marido* e *Sobre Aquilo em Que Eu Mais Penso*. São portas de entrada para uma escrita que exige atenção, mas recompensa o leitor com associações inesperadas e perspectivas que desafiam hábitos de leitura.

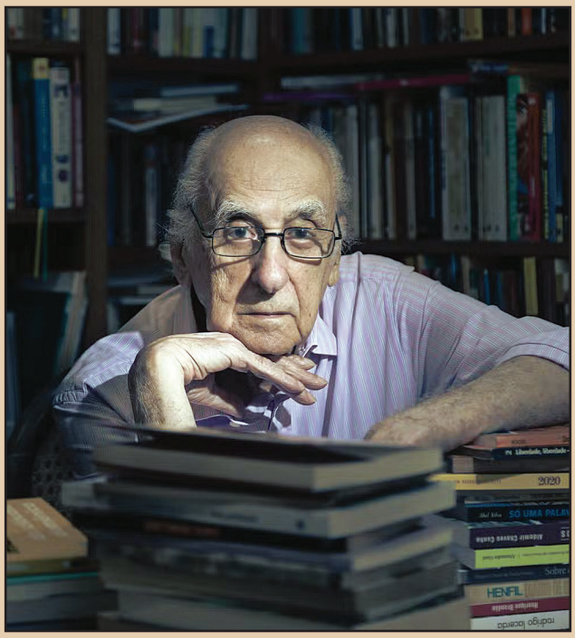
Anne Carson recebe o Nobel sem ter precisado simplificar sua linguagem ou acomodar sua obra a categorias conhecidas. Sua consagração celebra, antes de tudo, a potência de uma literatura que não teme experimentar, interrogar e deslocar certezas. Em tempos de respostas rápidas e fronteiras cada vez mais rígidas entre os saberes, sua escrita reivindica o valor da complexidade, da escuta e da dúvida.

Uma das lições mais duradouras de sua obra está no fato de que os clássicos permanecem vivos não porque oferecem respostas definitivas, mas porque continuam formulando perguntas essenciais. Entre fragmentos de Safo, mitos gregos e inquietações modernas, Anne Carson demonstra que a literatura não precisa escolher entre a memória e a invenção. É justamente quando as coloca em diálogo que descobre novas maneiras de dizer o indizível.

Zuenir Ventura: o homem que soube contar o Brasil

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

Há jornalistas que contam o que acontece. Há outros que, além de contar, conseguem descobrir o que aquele acontecimento diz sobre um país, uma cidade, uma geração, uma época. Zuenir Ventura pertenceu a essa segunda espécie, mais rara. Morreu aos 95 anos, no Rio de Janeiro, vítima de pneumonia, deixando uma obra que atravessa mais de seis décadas do jornalismo brasileiro e uma legião de leitores, alunos, amigos e jornalistas que aprenderam com ele que reportagem também pode ser literatura, desde que a literatura nunca traia a realidade.



Seu título mais célebre continua sendo uma espécie de paradoxo perfeito: *1968, O Ano Que Não Terminou*. Publicado em 1988, vinte anos depois do período que retrata, o livro mostrou que certos acontecimentos não obedecem ao calendário. A história pode mudar de ano, mas algumas perguntas permanecem abertas. Algumas feridas também. A obra tornou-se um clássico, teve mais de 400 mil exemplares vendidos e inspirou a minissérie *Anos Rebeldes*.

Zuenir tinha esse dom: encontrar, no acontecimento particular, o retrato de uma época. E, no retrato de uma época, o ser humano.

Talvez seja por isso que sua morte provoque uma sensação estranha de ausência. Não desaparece apenas um jornalista. Desaparece uma determinada maneira de fazer jornalismo: com informação e cultura, apuração rigorosa e escuta, inteligência sem pedantismo.

O acadêmico Merval Pereira, presidente da Academia Brasileira de Letras, resumiu essa dimensão ao afirmar que Zuenir era "o jornalista que todos queríamos ser". A frase ganha sentido quando se olha para a trajetória daquele mineiro que começou no jornalismo como arquivista e terminou a vida como um de seus mais respeitados mestres.

Do arquivo para a história

Zuenir Carlos Ventura nasceu em Além Paraíba, Minas Gerais, em 1º de junho de 1931. Aos 11 anos, mudou-se com a família para Nova Friburgo. Antes de se tornar o jornalista celebrado que viria a ser, trabalhou como contínuo, ajudou o pai, pintor de paredes, deu aulas e conheceu, desde cedo, uma vida muito distante de qualquer torre de marfim.

Formou-se em Letras Neolatinas e teve professores como Manuel Bandeira e Alceu Amoroso Lima. O jornalismo entrou em sua vida de maneira quase cinematográfica. Em 1956, trabalhando como arquivista noturno na *Tribuna da Imprensa*, escreveu um artigo sobre Albert Camus, seu escritor de referência. O texto chamou atenção e abriu-lhe a porta da redação. O arquivista virou repórter.

Depois vieram *Correio da Manhã*, *O Cruzeiro*, *Fatos & Fotos*, *Visão*, *Veja*, *IstoÉ* e *Jornal do Brasil*. Em Paris, nos anos de 1960 e 1961, estudou no Centro de Formação dos Jornalistas. Ocupou funções diversas, de repórter a editor, chefe de reportagem, diretor de redação e responsável por sucursais. Não era apenas alguém que escrevia no jornal. Era alguém que pensava o jornal.

Num tempo em que a velocidade passou a ser frequentemente considerada mais importante que a compreensão, ele lembrava, pelo exemplo, que uma boa reportagem exige atenção: olhar, ouvir e desconfiar da primeira versão antes de transformar uma manchete em história.

Foi também professor. O "Mestre Zu", como passou a ser chamado por alunos e jornalistas, formou gerações sem transformar o conhecimento em instrumento de poder. Sua autoridade vinha mais da proximidade do que da distância. Sabia muito e fazia questão de compartilhar.

O ano que não terminou

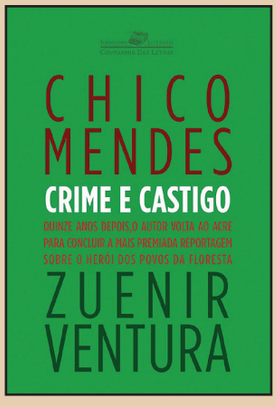
Em 1968, Zuenir e sua mulher, a jornalista Mary Akiersztein, foram presos pela ditadura. Ela permaneceu detida por cerca de um mês; ele, por três. Entre os companheiros de prisão estava o escritor Hélio Pellegrino. Zuenir contaria depois, com o humor que o acompanhou pela vida, que os dois jogavam basquete durante o banho de sol.

A experiência não terminou quando a porta da prisão se abriu. Ficou na memória, na consciência e, duas décadas mais tarde, transformou-se em livro. *1968, O Ano Que Não Terminou* é, ao mesmo tempo, reportagem, memória, investigação histórica e retrato de uma geração. Zuenir não escreveu simplesmente sobre 1968. Procurou entender o que 1968 havia feito de nós.

O ano não terminou porque seus personagens continuaram carregando suas perguntas. A ditadura acabou, mas suas consequências permaneceram. A juventude envelheceu, mas a inquietação daquela juventude não desapareceu inteiramente.



Neste clássico da não ficção nacional, Zuenir Ventura mistura a urgência das grandes reportagens com a sofisticação da alta literatura.



Chico Mendes – Crime e Castigo reúne reportagens escritas por Zuenir Ventura a respeito do maior líder ambientalista que o Brasil já teve.

Uma cidade partida, um país inteiro

Se *1968* procurava compreender uma geração, *Cidade Partida*, publicado em 1994, mergulhava numa das feridas mais profundas do Rio de Janeiro: a violência e a distância social entre mundos que conviviam na mesma cidade, mas raramente se encontravam.

Depois da chacina de Vigário Geral, em 1993, Zuenir passou meses acompanhando a vida da comunidade. Não quis observar de longe. Conversou com moradores, acompanhou personagens e procurou compreender uma realidade que as estatísticas jamais conseguiriam explicar inteiramente.

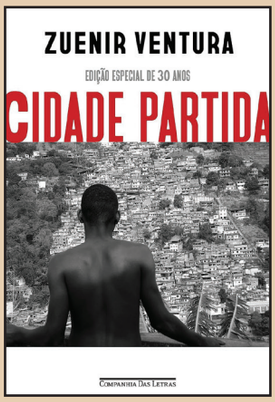
O resultado foi um livro-reportagem que lhe deu o Prêmio Jabuti de Reportagem. O título permanece atual de maneira quase incômoda. *Cidade Partida* não era apenas uma constatação geográfica. Era uma metáfora social.

Sua grandeza estava em não transformar a desigualdade em espetáculo. Compreender, para ele, não significava absolver nem condenar. Significava aproximar-se o suficiente para enxergar.

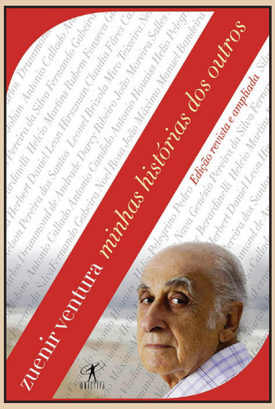
Quando foi ao Acre investigar o assassinato de Chico Mendes, em 1989, Zuenir entrou em outro Brasil. A série *O Acre de Chico Mendes*, publicada no *Jornal do Brasil*, rendeu-lhe os prêmios Esso e Vladimir Herzog. Mais tarde, a reportagem seria ampliada em livro, *Chico Mendes – Crime e Castigo*.

A viagem revelou não apenas o repórter disposto a enfrentar a distância, os mosquitos e o medo de cobras, mas também o homem generoso por trás do jornalista. Genésio, menino que havia sido a principal testemunha do crime e estava ameaçado de morte, foi trazido por Zuenir do Acre para o Rio de Janeiro, numa tentativa de protegê-lo. O gesto dizia tanto sobre sua personalidade quanto qualquer texto: Zuenir não se limitava a registrar a história dos outros; quando percebia alguém em perigo, procurava também assumir responsabilidade por aquela vida.

O homem que tinha horror a mosquitos e medo de cobras foi para a Amazônia



Edição especial de 30 anos da obra *Cidade Partida*, lançada pela Companhia das Letras, com prefácio do filho Mauro Ventura, também escritor e jornalista.



Em Minhas Histórias dos Outros, Zuenir Ventura traça um panorama que vai da ditadura militar à redemocratização, do atentado ao Riocentro à anistia, da revolução sexual à chegada da aids, dos anos dourados à explosão do narcotráfico.

porque a história estava lá. O jornalista não podia ficar em casa. Era essa sua definição mais simples de reportagem: ir.

Minhas histórias dos outros

Há algo de muito revelador em *Minhas Histórias dos Outros*, livro em que Zuenir revisitou personagens que encontrou pela vida, entre eles Glauber Rocha, Betinho, Nelson Rodrigues e Carlos Drummond de Andrade.

O título parece uma contradição. Como podem ser nossas as histórias dos outros?

Um jornalista passa a vida entrando na história alheia. E, de tanto entrar, leva um pouco dela consigo. Em suas mãos, personagens célebres deixavam de ser estátuas. Ganhavam contradições, fragilidades, humor e manias. Essa atenção ao outro consegue explicar a força de seus perfis e reportagens. Ele gostava de pessoas. Essa frase, tão simples, pode explicar mais sobre Zuenir do que qualquer currículo.

O homem por trás do mestre

É impossível falar de Zuenir sem falar do afeto que despertava. Havia nele uma espécie de elegância sem cerimônia. A cultura não o tornava distante. Ao contrário: quanto mais sabia, mais parecia disposto a ouvir.

Foi próximo de colegas, alunos e escritores mais jovens. Ensinava muitas vezes sem a aparência de quem está ensinando. Uma conversa podia ser uma aula; uma observação, uma pequena lição de jornalismo.

Num universo em que jornalistas podem facilmente se apaixonar pela própria importância, Zuenir nunca pareceu esquecer que a profissão começa diante do outro. O outro é a fonte, o personagem, o leitor. É, sobretudo, a razão de a história existir.

Sua humanidade aparecia também no humor. Merval Pereira lembrou, ao homenageá-lo após sua morte, seu senso de humor refinado. Zuenir gostava de brincar, inclusive consigo mesmo. Na velhice, não escondia a passagem dos anos. Preferia tratá-la com leveza. Foi assim que chegou à Academia Brasileira de Letras.

Um imortal que gostava dos mortais

Em 30 de outubro de 2014, Zuenir foi eleito para a Cadeira 32 da Academia Brasileira de Letras, sucedendo Ariano Suassuna. Tomou posse em 6 de março de 2015, recebido pela acadêmica Cleonice Berardinelli.



Em *Sagrada Família*, Zuenir Ventura entrelaça memória e ficção para compor uma narrativa lírica e cativante sobre os amores que resistem ao tempo e a perda da inocência.

Havia, entre eles, uma ligação anterior à Academia, feita de afeto e admiração. Dona Cleo, que foi professora de Zuenir, acompanhou de perto sua formação e guardou por ele, ao longo da vida, um carinho que ultrapassava a relação entre mestre e aluno. Entre os dois permaneceu uma espécie de fio invisível, feito de reconhecimento, gratidão e ternura, daqueles vínculos que o tempo não desfaz. Zuenir, homem de memória generosa, jamais esqueceu quem lhe ensinou os primeiros caminhos do pensamento e da palavra.

A entrada na ABL poderia parecer o ponto final de uma trajetória. Para Zuenir, foi mais uma página. Talvez nenhum título fosse mais adequado para o homem que sempre desconfiou das solenidades do que *Sagrada Família*, seu romance de 2012, ou *Conversa sobre o Tempo*. Ele chegou à Academia sem abandonar o jornalista que preferia a conversa à pose.

Em entrevistas, brincava com a imagem que muitos tinham da Academia como



Em *Mal Secreto*, o primeiro volume da coleção *Plenos Pecados*, da Editora Objetiva, Zuenir convida o leitor a um mergulho no universo daquele que foi apontado, numa pesquisa exclusiva, entre os brasileiros, como o mais conhecido dos pecados capitais

um lugar solene e envelhecido. Dizia que era muito mais divertido do que parecia e que os acadêmicos tinham humor. "Nós velhinhos temos muito humor", brincou certa vez.

Na Cadeira 32, ao lado de escritores e intelectuais que ajudaram a construir a literatura brasileira, Zuenir levou a rua para dentro da Casa de Machado. E levou a literatura para fora dela.

O invejável segredo

Há ainda outro título que parece servir como uma pequena chave para sua obra: *Inveja – Mal Secreto*.

O segredo de Zuenir talvez fosse justamente não guardar segredos demais. Sua escrita era transparente. Não precisava esconder o raciocínio atrás de palavras difíceis, fazer pose de intelectual ou aumentar a voz para ser ouvido.

Escrevia com a elegância de quem sabe que simplicidade é uma conquista, não uma falta de sofisticação. Por isso seus livros envelheceram sem envelhecer.*1968* continua falando ao presente. *Cidade Partida* ainda descreve um Rio que não resolveu suas fraturas. Chico Mendes continua sendo uma história sobre violência, meio ambiente e Brasil. E suas memórias dos outros continuam revelando algo sobre nós mesmos.

Talvez essa seja a melhor definição de um clássico: um livro que muda de leitor, de época e de contexto, mas continua encontrando alguma coisa viva.

O tempo, afinal, conversa

Nos últimos anos, Zuenir escreveu menos. Em 2022, confessou que fazia uma pausa porque havia notícias ruins demais e faltava vontade de escrever. É uma frase de jornalista. E também de homem.

Mestre Zu passou a vida tentando entender o Brasil. Viu ditadura, abertura política, redemocratização, violência urbana, transformações culturais, crises econômicas, mudanças de costumes, revoluções tecnológicas e a própria transformação do jornalismo.

Zuenir morreu aos 95 anos, mas sua obra não terminou. O título de seu livro mais famoso volta para lembrar que há vidas que acabam, mas há histórias que continuam. A dele continua nas reportagens que ensinaram gerações de jornalistas a olhar mais de perto; nos livros que transformaram acontecimentos em memória; nos alunos que aprenderam que escrever bem não é escrever difícil; e nos leitores que descobriram, em suas páginas, um Brasil que às vezes conheciam sem compreender.

Continua também no gesto de quem, diante de uma testemunha ameaçada, não se contentou em escrever sobre o perigo e procurou proteger a pessoa que o enfrentava. Genésio fazia parte da história de Chico Mendes, mas, para Zuenir, não era apenas um personagem. Era um menino cuja vida importava.

E continua, sobretudo, na pergunta que atravessa quase toda a sua obra: o que fizemos de nós?



Mestre Zu sempre atencioso com todos, na foto com Manoela Ferrari, do *Jornal de Letras*.

Zuenir transformou essa pergunta em jornalismo. E fez dela literatura.

Talvez por isso sua partida seja uma dessas contradições que ele saberia reconhecer: o jornalista que passou a vida registrando o país acaba, finalmente, entrando para a história.

Zuenir Ventura não terminou. O tempo apenas começou a conversar sobre ele.

Literatura Infantil

Por Anna Maria de Oliveira Rennhack

Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

Sempre com esperança!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

A dualidade de sentimentos nos envolve e equilibra a nossa vida em vários momentos. Alegre ou triste, entusiasmado ou calmo, feliz ou infeliz, mas sempre com esperança.

Trago hoje a alegria e a tristeza em meu coração. Alegria pelo lançamento – a 3ª edição é um livro completamente novo –, do agora belíssimo *Uma Ilha Lá Longe*, de Cora Rónai e Rui de Oliveira.

A tristeza é pela partida de um amigo querido que me proporcionou muitas alegrias, o incrível artista Juarez Machado. A distância não me permitiu acompanhar o seu envelhecimento e mantive em minha mente a jovialidade daquele mestre das artes e da pantomima, com a cara pintada de branco.

Fizemos um lindo livro juntos, exposto na Unesco, em Paris, apresentado na 15ª Feira de Bolonha (Itália, 1978), na XXX Feira de Frankfurt (Alemanha, 1978) e com a 9ª edição distribuída em programa do governo federal (MEC/FAE, 1996).

Um tema delicado – educação sexual para crianças –, que com sutileza Juarez ilustrou lindamente. Hoje esgotado, com fotolitos perdidos, *O Segredo da Vida* (Bloch Editores, 1976) existe em nosso coração, em poucos exemplares guardados e nas boas lembranças de um delicioso convívio.

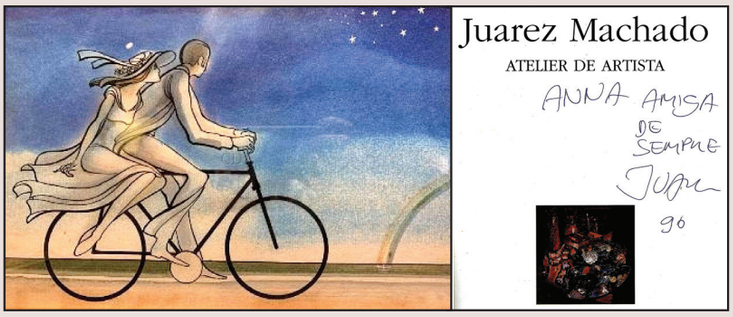
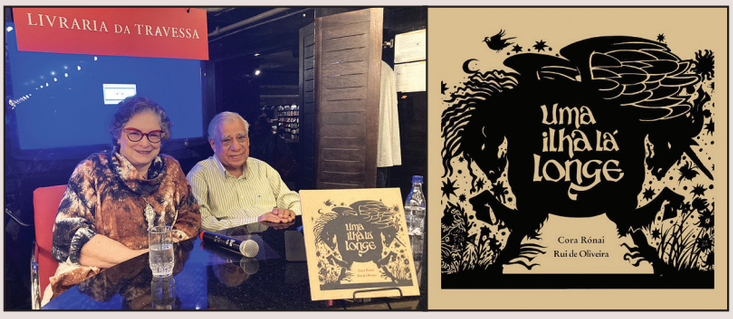


Ilustração de Juarez Machado para o livro *O Segredo da Vida* e dedicatória feita à Anna Rennhack.

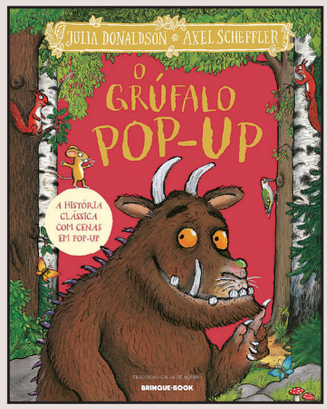
A alegria retorna com os lançamentos que vão ajudar nas escolhas de presentes natalinos para a garotada:

Uma Ilha Lá Longe – (Quatro Cantos) – Texto de Cora Rónai e ilustrações do artista Rui de Oliveira. Sou apaixonada por este livro desde a primeira edição, em 1987 (Record). Ajudei a reeditá-lo em 2007 (Record). Merecidamente, esta linda história ganha uma nova edição primorosa e nos faz novamente pensar num lindo lugar, onde as pessoas viviam com calma e tranquilidade, com pégasos, centauros e unicórnios que embelezavam a vida. Eles se foram para sempre, fugindo da transformação causada por um progresso egoísta e devastador. Algumas pessoas, às vezes, têm uma vaga lembrança, mas os pégasos, centauros e unicórnios se esconderam num cantinho do mundo, numa ilha lá longe... para viverem em paz.

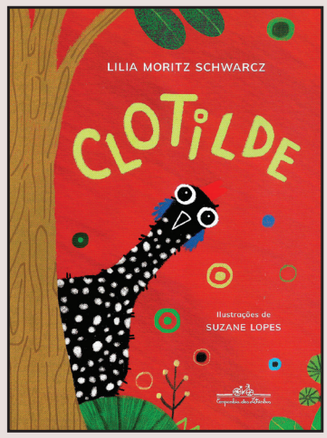


Cora Rónai e Rui de Oliveira no lançamento do livro *Uma Ilha Lá Longe*.

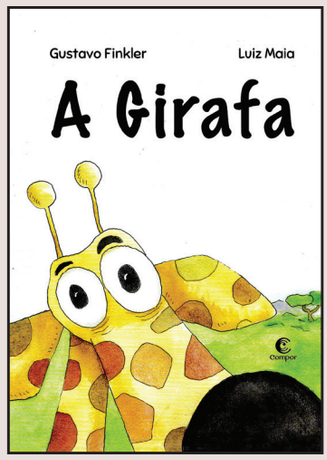
O Grúfalo – A história clássica em Pop-Up (Brinque-Book) – Julia Donaldson escreveu e Axel Scheffler ilustrou e a tradução é da querida Gilda de Aquino. – Esta história genial me lembrou de certos filmes que têm um artista principal mas é o coadjuvante quem rouba a cena. Criado pela imaginação de um ratinho esperto que não quer virar almoço dos animais da floresta, de repente, o que era uma invenção se transforma em realidade e aparece o Grúfalo, que também está com fome! Com muita astúcia o ratinho mais uma vez se dá bem! Se o livro inicial já era um incrível sucesso, imagine em Pop-Up, com as cenas da floresta saltando das páginas! Aproveite para conhecer também *O Filho do Grúfalo* e *A Vovó Grúfalo*.



Clotilde – (Companhia das Letrinhas) – História de Lilia Moritz Schwarcz e ilustrações de Suzane Lopes. Sabe quando você deseja muito uma coisa e de repente ela acontece? Foi isso o que aconteceu neste livro. Ter uma galinha-d'angola era um desejo antigo da autora. Apesar de ter outros animais em casa, ela sonhava com aquela galinha pequenina, com penas pretas de bolinhas brancas e que emite um som que parece dizer "tô-fraco". Pois bem, um dia, sem nenhuma explicação, a galinha apareceu no quintal e não mais saiu. Lilia conta a história de Clotilde, ou Clô, e como ela conquistou a família e também ensinou muitas coisas.



A Girafa – (Compor) – De Gustavo Finkler, com ilustrações de Luiz Maia – Adoro histórias encadeadas, ainda mais quando são bem engraçadas. A girafa está com dor no pescoço e acha que está com febre! Seus amigos vão ajudá-la e aí começa a confusão! Como colocar o termômetro na boca da girafa? Como subir até lá? Com muito esforço os amigos encontram a solução e é muito divertida. E agora, e o xarope?



Enquanto Seu Lobo Não Vem – (Brinque-Book) – Texto e ilustrações de Silvana Rando (a "mãe" do elefantinho Gildo). Adaptação da brincadeira cantada "Enquanto seu lobo não vem", que apresenta um lobo que não tem nada de mau e que reúne as crianças de forma bem divertida. Os pequenos vão adorar e podemos continuar cantando... dessa vez, com um final alegre e surpreendente.



JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



Enrique Vila-Matas

(Barcelona, 31 de março de 1948) Premiado escritor espanhol. As suas obras são uma mescla de ensaio, crônica jornalística e novela. Sua literatura, dilui os limites entre a ficção e a realidade. Seus livros foram traduzidos para 29 idiomas. Publicou o seu primeiro livro, *La Asesina Ilustrada*, em 1977. Com a publicação de *História Abreviada da Literatura Portátil,* passou a ser reconhecido internacionalmente especialmente nos países latino-americanos, França e Portugal. Em 1968, foi viver em Paris autoexilado do Franquismo e à procura de maior liberdade criativa. O apartamento onde se instalou foi-lhe alugado pela escritora Marguerite Duras. Vila-Matas pediu-lhe, sem muitas esperanças de ser atendido, dicas sobre como se tornar um bom escritor. Para sua surpresa, a francesa deu-lhe uma enorme lista de dicas para escrever bem. Trabalhou como jornalista para a revista *Fotogramas* e foi figurante num filme de James Bond. Escreveu diversos lirvos e recebeu vários prêmios: *A Assassina Ilustrada*, 1977; *Impostura*, 1984; *História Abreviada da Literatura Portátil*, 1985; *Uma Casa para Sempre*, 1988; *Suicídios Exemplares*, 1991; *O Viajante Mais Lento*, 1992, ganhador do Prêmio Elsa Morante, 2007; *Estranha Forma de Vida*, 1995; *Bartleby e Companhia*, 2000, ganhador dos prêmios *Ciudad de Barcelona*, Espanha, 2001, *Prix du Meilleur live étranger*, França, 2000, entre outros; *O Mal de Montano*, 2002; *Paris Nunca se Acaba*, 2003; *Doctor Pasavento*, 2006.

acervo JL



Deng Xiaohua

(Nascida em 30 de maio de 1953) Escritora de ficção e crítica literária chinesa mais conhecida por seu pseudônimo Can Xue. Algumas de suas obras foram traduzidas e publicadas em inglês. Sua juventude foi marcada por uma série de adversidades trágicas que influenciaram a direção de seu trabalho. Seu pai teve seis filhos e foi editor-chefe do *New Hunan Daily*. Sua família mudou-se para montanha Yuelu, na periferia rural de Changsha. Na época da Revolução Cultural, Deng tinha treze anos. Sua educação formal foi permanentemente interrompida após a conclusão do ensino fundamental. Começou a escrever em 1983 e publicou seu primeiro conto, *Soap Bubbles in Dirty Wate,* em janeiro de 1985. Dois outros contos se seguiram naquele ano, *The Bull* e *The Hut on the Hill*, quando escolheu o pseudônimo de Can Xue. Publicar sob um pseudônimo permitiu que Can Xue escrevesse sem revelar seu gênero. A sua obra é muito elogiada pelos críticos, atraídos pela precisão cuidadosa que ela usa para criar um efeito tão estranho e perturbador no leitor. Recebeu as seguintes premiações: Prêmio de Melhor Livro Traduzido de 2015, *The Last Lover*, traduzido do chinês por Annelise Finegan Wasmoen; 2019, Inernational Booker Prize, *Love in the New Millennium*, traduzido do chinês por Annelise Finegan Wasmoen (Yale University Press); 2021, International Booker Prize, *I Live in the Slums*, traduzido do chinês por Karen Gernant e Chen Zeping (Yale University Press), entre outros.

acervo JL



Yang Shuang-zi

(Taichung, 1984) Escritora taiwanesa. Com o seu romance *Taiwan Travelogue* venceu o Prêmio Nacional do Livro dos EUA na categoria Literatura Traduzida em 2024, o Prêmio Baifang Schell de Literatura Traduzida do Chinês, e o Prêmio Inernacional Booker de 2026. Cresceu numa aldeia rural com o nome Yang Ruoci. Escolheu o seu pesudônimo de escritora em homenagem à irmã gêmea, Yang Jo-hui, que morreu de câncer em 2015. O apelido pode ser traduzido, de forma literal, para "gêmeos". Identificava-se com a República da China desde criança e jovem adulta. No entanto, pouco depois de se formar em Literatura Chinesa pela Universidade Nacional Chung Hsing, participou do Movimento dos Morangos Silvestres, um protesto contra a visita do político chinês Chen Yunlin a Taiwan em 2008. O protesto inspirou Yang a fazer o mestrado em Literatura Taiwanesa, que concluiu em 2012. Ao longo de seus estudos de pós-graduação, Yang passou a se identificar plenamente como taiwanesa. Em 2020, Yang lançou *Taiwan Travelogue*, originalmente em mandarim, publicado pela Springhill Publishing. O livro ganhou o Prêmio Golden Tripod em 2021. Posteriormente, o livro foi traduzido para o japonês e publicado pela Chuokoron-Shinsha. Livros publicados: *Taiwan Travelogue*; *The Season When Flowers Bloom*; *Blossoming Girls of Gorgeous Island*; *A Foodie's Guide to old Taichung, Nº. 1, Siwei Street*. Yang é casada com Lai Ting-ho.

Escrever é vencer o tempo

Por Ernani Castroli*

"Ficou comigo a recordação de um vulto magro, com alguns ramos de cabelos ostensiva e desafiadoramente brancos, um vestido cinza, talvez. Pensei na hora: ela se parece com as minhas tias do interior de Minas – e fui seguindo, como quem fugisse de uma presença incômoda."
Roberto Drummond.

Numa resenha sobre *Inventário das Cinzas* (1980), Prêmio Luíza Cláudio de Souza do Pen Clube do Brasil), o escritor Roberto Drummond assim se refere a Rachel Jardim (1926-2023) quando, em Belo Horizonte, deixou escapar a oportunidade de conhecer a autora ao vê-la em companhia do contista Murilo Rubião. Mesmo sentimento de espanto/respeito, do motorista de táxi que, debaixo de chuva, carrega Judite, personagem de *Inventário das Cinzas*.

Em tom intimista, com seu estilo, deliberadamente avesso às inovações formais, lentamente, Rachel prende o leitor sob indizível atmosfera. Seus personagens de carne e osso envelhecem no curso de uma obra onde o Tempo é o supremo personagem. Mestra na *manipulation and argumentation* literária, Jardim se presentifica, com devido distanciamento, como eu-narrador. Na orelha de *Inventário das Cinzas* (2ª Ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984), Rachel ressalta:

"Narrado em primeira pessoa, posso afirmar que os fatos acontecidos não se passaram comigo, mas que se a ação do livro se processa na alma humana, essa alma podia ser perfeitamente a minha".

Seus primeiros contos, *As Estrelas e Conversa com Pedro*, com ilustrações de Santa Rosa e Bianco, respectivamente, sob o pseudônimo de Marta Gomes Jardim, foram Drummond, Roberto. *A Feiticeira Rachel*. Leia Livros. Jul. 1980. p.7. publicados, em 1946, por Franklin de Oliveira na sua coluna Sete Dias (Revista *O Cruzeiro*).

Data deste tempo breve afastamento de Jardim da escrita, quando se forma em Direito na Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), se casa e ingressa na Administração Pública, registrando destaque no projeto Corredor Cultural (Lei Municipal de 17/01/1983) e na sub-prefeitura de Santa Teresa, onde teve a oportunidade de resgatar os despojos de arquitetura do Palacete Murtinho, *point* cultural dos anos 1920, outrora pertencente à socialite Laurinda Santos Lobo, e transformá-los no Parque das Ruínas, hoje espaço cultural dedicado à jornalista Glória Maria.

Sobre essa experiência, Rachel depõe:

"Em 1946, com a morte de Laurinda, sobrinha-herdeira de Joaquim Murtinho, o casarão foi doado, segundo desejo do tio, à Sociedade Hahnemanniana, centro de estudos de homeopatia. A partir de então, numa antevisão de tudo o que aconteceria depois com o país, a casa, desapropriada pela Prefeitura, em 1979, foi saqueada, invadida, depredada, usada por traficantes. A determinação de conservar os heroicos despojos tais como restaram, autorizam ser marca e símbolo de resistência. Que permaneçam induzindo ao sonho através da história real, na qual se mesclam esplendor, agonia e rendenção".

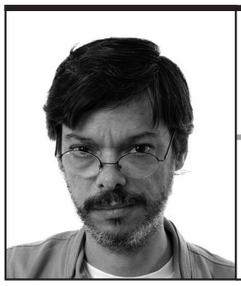
O retorno de Rachel à literatura, dá-se com o livro *Os Anos 40: A ficção e o real de uma época* (1973), prefaciado por Franklin de Oliveira, ilustrado por Guima (João Guimarães Vieira). Ao livro de estreia seguiram-se outros: *Cheiros e Ruídos* (1975), *Vazio Pleno: Relatório do cotidiano* (1976), *Inventário das Cinzas* (1980), *A Cristaleira Invisível* (1982), *O Penhoar Chinês* (1985), e *Num Reino à Beira do Rio: Um caderno poético de Murilo Mendes* (2004).

Alguns de seus textos, tais como, *Inventário das Cinzas* e o conto *As Urzes da Cornualha* foram adaptados para o teatro. Jardim, que sempre enxergou os clássicos literários como base de sustentação de seu amor pelo Rio de Janeiro, por longo tempo, coordenou, em grupo, leituras de trechos de Machado de Assis e João do Rio, cronistas de um glorioso tempo carioca. Essa Jardim, Rachel. Do Chalé Murtinho às ruínas da Casa de Laurinda Santos Lobo: uma trajetória (Laurinda e Castro Maya: mecenas de Santa Teresa). Catálogo de Exposição, 1993. experiência literária, Rachel estendeu à revelação de Marcel Proust que, como ninguém, conhecia em minúcias.

Assoma-se à vasta experiência literária os textos publicados na coleção de postais *Olhos de Ver*, que destacam as belezas das ruas e paisagens cariocas, memorabília disputada por colecionadores. Luiz Eduardo Pinheiro, arquiteto, quando do falecimento da escritora, registrou: "Rachel entendeu a cidade como o real depositário da Cultura e sua dinâmica. Desbravou caminhos. Quando todos ainda tinham o conceito tradicional de preservação e proteção do patrimônio cultural, Rachel ousou pensar mais longe."

Neste ano de 2026, quando se comemora o centenário de nascimento de Rachel Jardim, nossas reverências à memória de uma das maiores escritoras que Minas Gerais deu ao Brasil.

*Ernane Catroli é escritor, natural de Sant'Anna de Cataguases, Minas Gerais. Reside no Rio. Tem contos publicados em Antologias coletivas.



Desenharte

Por Zé Roberto

zerobertograuna@gmail.com

Graça na Turminha

Em 2001, num desses acidentes de percurso, fui parar na Graça Editorial, empresa que pertence ao famoso pastor televisivo R. R. Soares, o "Silvio Santos" do movimento gospel tupiniquim. Na época, ausentei-me do Rio por duas semanas, quando retornei, recebi diversas mensagens na secretária eletrônica, entre elas, algumas ligações do meu saudoso irmão e amigo Nei Lima. O Nei era daqueles amigos que a gente leva pra vida toda, gente boa, bem-humorado, além de um caricaturista genial. Naquela ocasião, as ligações do Nei me convidavam para fazer parte da equipe de desenhistas da *Turminha da Graça*, uma revista infantil recém-criada.

Inicialmente, o grupo era formado, além do Nei Lima, pelo Moeses (desenhista conhecido pelas revistas do personagem brasileiro O Judoka, da editora Ebal), Paulo Santos (ex-professor de desenho do Senac) e o Wilson Pinto (notório no meio editorial pela criação do Petrolino, mascote da Petrobrás), que era o desenhista chefe e também o criador dos personagens da revista. Nas primeiras conversas, confesso que não me interessei muito pela ideia de trabalhar para o meio religioso, mas após outros contatos, Nei Lima me convenceu que as condições eram ótimas, com bom ambiente de trabalho e salário compatível. Aceitei ir até lá, participei de uma entrevista com o Jonas Lemos, que era o chefe de artes e, mesmo sem agradar o exigente Wilson Pinto – que claramente não gostou do meu portfólio – fui contratado e passei a trabalhar na editora.



Wilson Pinto, Moeses, Paulo Santos, Nei Lima e eu, uma turminha cheia de graça.

A revista era bastante volumosa, com várias histórias em quadrinhos e mais uma quantidade bem grande de passatempos. Em suma, a publicação era, na verdade, um almanaque e, claramente, a equipe bastante reduzida para dar conta, especialmente levando-se em consideração que a publicação era mensal. Nos primeiros meses, sempre que surgia uma oportunidade, dizia ao Jonas que era muito importante contratar pelo menos mais um desenhista. Até que, certo dia, o Jonas me chamou em sua sala e solicitou a indicação de algum desenhista que combinasse bem com o projeto. De cara, me lembrei de um jovem cartunista chamado Claudio Jorge, artista que conheci no Senac, nos tempos que lecionei cursos de desenho na escola de Madureira. Claudio foi meu aluno, era mais um desses guris muito influenciado nos quadrinhos de Mauricio de Sousa, mas com algumas brechas para desenvolver um estilo mais pessoal, caso ganhasse oportunidades no mercado editorial.

Naquele mesmo dia, telefonei ao cartunista novato, expliquei mais ou menos como era o esquema da editora e solicitei que ele trouxesse um portfólio de quadrinhos para uma avaliação inicial do Jonas Lemos. Claudio compareceu munido de suas artes, conversou com o Jonas que, incialmente, gostou dos desenhos, mas explicou que ele teria que passar por um pequeno teste que consistia em finalizar um dos *layouts* desenhados pelo Wilson. Importante ressaltar que estávamos no início das artes digitais, e que as páginas ainda eram criadas no papel, desenhadas a lápis, finalizadas à mão e depois digitalizadas por *scanner* para posterior colorização no Photoshop.

Escolhi e mostrei um dos *layouts* ao Claudio, expliquei como a página deveria ser finalizada e aconselhei que ele dedicasse pelo menos dois dias em cima daquela folha de papel para garantir maior condição de qualidade possível e, obviamente, evitar uma provável reprovação do Wilson.

No dia seguinte, nas primeiras horas do expediente, Claudio me telefonou e, fazendo exatamente diferente do que recomendei, avisou que a arte final da página estava pronta e queria levar à editora para avaliação. Me lembro que não escondi minha irritação por ele terminar o trabalho a toque de caixa, mas o jovem e ansioso artista me convenceu de que fez o seu melhor e que estava pronto para ver seu trabalho analisado. Sem ter o que dizer, então, recomendei que ele viesse à editora, mas adiantei que quem iria aprovar ou reprovar sua arte seria o "desenhista chefe", e que o cara era exigente e exageradamente chato. O chefe, como eu disse acima, era o Wilson Pinto, um ótimo desenhista, mas extremamente implicante com os desenhos dos colegas. Quase sempre nos mandava redesenhar a mesma arte diversas vezes e, numa época que as artes finais eram executadas a nanquim, Wilson exigia que a equipe comandada por ele fizesse as artes todas a lápis grafite, o que exigia maior firmeza nas mãos e traços mais fortes para resultar em pretos chapados. Isso, obviamente, tomava, às vezes, o dobro do tempo na execução dos trabalhos. Uma das coisas mais irritantes que Wilson fazia era quando simplesmente passava a borracha numa daquelas artes que levávamos horas para terminar, tudo por conta de algum defeitinho aqui ou acolá. Em suma, trabalhar sob o comando do veterano era como um teste de paciência, mas que de certa maneira – pelo menos no meu caso – me fez adquirir um traço mais firme em meus próprios desenhos, que como o Wilson Pinto costumava dizer com voz aguda, eram "muiiiito ruins".

Claudio Jorge chegou à editora, entregou a arte finalizada e saiu, então, ficamos eu e o Nei Lima olhando para aquela página, já imaginando que o Wilson iria apontar as muitas e pequenas falhas nos desenhos e, com certeza, reprovaria o candidato. Naquele momento, Wilson gozava do intervalo do café da tarde. A Graça Editorial oferecia, além de café da manhã e almoço, um lanche da tarde em seu amplo e invejável refeitório. Eu acabei ficando no estúdio aguardando a chegada do Claudio. Já o Nei Lima retornou mais cedo do intervalo e teve tempo de me ajudar a proporcionar uma pequena armadilha para pegar a chatice do Wilson de jeito. Pedi ao Nei que pegasse no arquivo a arte final que o Moeses executou, obviamente, do mesmo *layout* criado pelo Wilson e que serviu de teste para o Claudio. É claro que a arte do Moeses era de extrema superioridade, mas eu confiei na minha total falta de escrúpulos e resolvi pregar uma peça no Wilson. Peguei as três folhas que tinham o formato A4, coloquei-as lado a lado sobre a prancheta do Wilson, na seguinte ordem: primeiro o *layout* do Wilson, depois a arte do Moeses e, finalizando, a página que o Claudio nos trouxe. Quando Wilson chegou na sala palitando os dentes, nos encontrou em frente à sua mesa de trabalho olhando as folhas. Quando ele se aproximou, fui logo informando que o candidato havia deixado a arte conosco, e que estávamos avaliando e comparando com o trabalho do Moeses. Olhando pro Wilson, informei propositalmente que a segunda folha era a arte que o Claudio nos trouxe e, que a seguinte, era a original do Moeses. Olhando com desdém, Wilson observou sem muito interesse as páginas e decretou: "É claro que a do Moeses é muito melhor!". "Mas, Wilson, olhe com mais atenção, parece que o garoto fez um bom trabalho", eu disse. Ele respondeu: "Bobagem, Zé! A página do Moeses é muito melhor!" Então, depois do veredito, eu me dirigi ao Nei Lima e disse: "Olha aí, amigão, vamos ter que contratar o Claudio, já que o Wilson achou mesmo que a arte dele é muito melhor." Sem entender minha fala, Wilson repetiu que a arte do Moeses era a melhor, e não a do garoto. Então, esclareci que eu havia invertido a ordem e que a arte que ele decretou como a "melhor" era justamente a do novato. Wilson usava dois pares de óculos, um ficava sobre o nariz, o outro par descansava na testa. Era uma coisa meio caricatural, mas fazia parte do personagem que o Wilson interpretava e, detalhe: os dois pares de óculos foram adquiridos num camelô. O cara era uma figuraça! Voltando ao fato, ele arregalou os olhos, pegou as páginas nas mãos, enquanto revezava os óculos, focou os olhares nas folhas, fez cara de poucos amigos, mas não disse mais nada. Afinal, na verdade, ele sequer havia avaliado as artes antes, e não poderia desmentir a si mesmo. Sem proporcionar tempo para o Wilson imaginar algum motivo para reprovar o Claudio à vaga, me retirei informando que iria comunicar ao Jonas Lemos que o candidato fora aprovado pelo próprio Wilson. E assim foi, Claudio Jorge foi contratado e passou a fazer parte da equipe de desenhistas da Graça Editorial.

O projeto *Turminha da Graça* durou apenas 2 anos, mas confesso que foram períodos de muita diversão e, principalmente, tempo suficiente para firmar amizade com o Nei Lima, que foi meu melhor amigo nesse conturbado meio. Nei Lima e Wilson Pinto, infelizmente, faleceram. Wilson se foi em 2014 deixando diversos projetos interessantes inacabados, e Nei nos deixou no início de 2026, após lutar valentemente contra um câncer. Já os outros colegas, Moeses, Paulo Santos e Cláudio Jorge, eu nunca mais os vi.

Saúde e Arte!

O chinês de Mariana

Por Danilo Gomes*

Quando eu era menino, em Mariana, MG, na década de 1940 e início da de 1950, lá vivia um senhor chinês, magro, de complicada e fina fala sino-mineira. Ninguém lhe sabia o nome nem de que cantão do velho Império viera. Todos o chamavam de China. Vendia coisas, legumes, frutas, miudezas, que trazia em duas cestas, penduradas num varal que lhe assentava às costas curvadas. Magrinho, baixinho, todo cortesias. Era uma figura popular, pelo exotismo oriental, pela fala enviesada, pela gentileza do trato pessoal. Ôi, China? Lá vem o China vendendo suas coisas. Boa tarde, China! China, o que você vende hoje aí?

Tenho hoje 83 anos e nove meses. Esses dias, lendo o livro *Marília e Dirceu – Genealogia e diversos*, de Waldemar Rodrigues de Oliveira Leal, de 1977, da Expressa Artes Gráficas, de Belo Horizonte, encontrei esta passagem, à pág. 7:

> *"Passeando pela vetusta Ribeirão do Carmo, hoje Mariana, vi uma quitanda, onde entrei para comprar laranjas. Chamou-me a atenção o tipo oriental do vendeiro, perguntei-lhe se era japonês. Respondeu-me que era chinês, bem do interior da velha China. Perguntei como viera parar tão longe. Respondeu-me que não sabia explicar."*

O historiador, também poeta, prossegue:

> *"Passaram-se mais de vinte anos. Um dia, estando novamente em Mariana, lembrei-me do chinês. Perguntei a um senhor sobre o mesmo. Disse-me que o Zé Maria, era esse o apelido que lhe puseram, havia morrido. Contou-me que fora levado, bem doente, para o hospital. As freiras que o cuidaram ficaram apreensivas sabendo que ele era ateu e pagão. Insistiram para que se batizasse, comungasse e recebesse a extrema-unção, caso contrário iria direto para o inferno. O 'Zé Maria' arregalou os olhinhos oblíquos e respondeu a respeito da ida para o inferno: 'A gente cutuma'. Confúcio não responderia melhor."*

Mas é no livro intitulado *Hebe Rôla – 90 Anos de Vida – 75 anos dedicados à educação e à cultura marianense*, que vou encontrar maiores informações sobre a singular pessoa do "chinês de Mariana", que tive a sorte de conhecer.

O aludido livro foi organizado pela escritora Andreia Donadon Leal, colega de Hebe Maria Rôla Santos na Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes, de que também tenho a honra de pertencer. Trata-se de uma edição de 2021, pela Aldrava Letras e Artes, da nossa cidade de Mariana. Nas págs. 115 e 116, Hebe Rôla aborda o tema, sob o título de "China". E assim ela começa o capítulo de reminiscências:



Hebe Rôla

> *"Rosto moreno, meio amarelado, já bastante castigado pelo tempo, olhos amendoados, quase fechados, lábios finos, estrias e rugas, chapéu chinês, roupas largas e soltas de bons tecidos, sapatos grandes afunilados nas pontas, vinha pela rua D. Viçoso, antiga rua D' Olaria, o China, patinando na ponta dos pés.*
>
> *Num bastão de madeira, atravessado aos ombros, pendurava balaios, cestas, peneiras, sombrinhas artísticas e pacientemente tecidas em taquara. Em uma das mãos, um vistoso balaio de verduras e bananas que vendia pelas ruas:*
>
> *– Come foia! Foia muito mais mió.*
>
> *Oferecia aos que visitava sua casa, na rua D. Viçoso, água de banana como nutriente e quase milagroso alimento. Em uma gamela mergulhava pedaços de banana e até hoje não se sabe o resto dos ingredientes que compunham a beberagem que ele tomava e servia cerimoniosamente, com um misto de sábio e bruxo:*
>
> *– Água de panana mió saúde! Muito pom!*
>
> *As irmãs do Colégio Providência, lideradas por irmã Luísa, empenhavam-se na catequese do China. Visitavam-no e davam-lhe aulas de catecismo. Queriam batizá-lo, mas ele ficava irredutível.*
>
> *Um dia, bastante adoentado, enquanto recebia os cuidados médicos que elas levaram até ele, a irmã Luísa, temendo que ele morresse sem o sacramento do batismo, intensificou seu trabalho pastoral:*
>
> *– Olha, China, o inferno é um lugar horrível! Lá só se vê fogo e caldeiras de água fervente! Quem vai para o inferno queima-se eternamente na fogueira!... Já imaginou o sofrimento de quem fica lá, sem poder sair, espetado pelos garfos em brasa dos demônios? Quem resistiria a esses sofrimentos, além de não ver Deus? O calor é desesperador!*
>
> *China ficou cabisbaixo e pensativo. A irmã Luísa quase comemorava a vitória, quando, depois de longo silêncio, ele respondeu convicto:*
>
> *– O' mã, cum tu gi cutum. (Olhe, irmã, com tudo a gente acostuma.)*
>
> *Mas a resistência do China foi vencida e batizaram-no com o nome de João Maria."*

Senhoras e senhores, a história não termina aqui. A narrativa da minha querida amiga Hebe Rôla é tão saborosa que dou continuidade a ela. Assim:

> *"Na década de 1980, a Folia Nossa, grêmio artístico cultural de Mariana, desenvolveu, no carnaval, o tema Chinoiserie em Mariana, e, a certa altura da marcha-enredo, cantavam:*
>
> *Toda rua d' Olaria crê no China João Maria*
> *A criançada vibrante de sombrinha e balaio*
> *Se encanta com o seu falar*
> *Repete ao vê-lo na rua*
> *Velha marcha popular*
> *"Já vem seu China*
> *Na ponta do pé*
> *Ligue, ligue, ligue,*
> *Ligue, ligue, ligue, lé*
> *Dez tostões, vinte pratas*
> *Banana e café*
> *Ligue, ligue, ligue*
> *Ligue, ligue, ligue, lé."*

E Hebe Rôla conclui seu histórico texto:

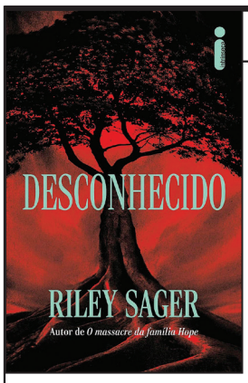
> *"Assim, à Chinoiserie de Mariana acrescentou-se a Chinesite, o ite do nosso China João Maria. E a expressão cum tu gi cutum passou a fazer parte do léxico marianense."*

Como veem, nosso saudoso China não foi abrasileirado com o prenome de José Maria, mas, sim – como ensinou Hebe – João Maria. Destarte, com esse título, após cerrar os olhos para o mundo, se apresentou ao guardião São Pedro e, pedindo licença numa elegante curvatura de mandarim, bem ao seu estilo, foi logo recebido e abençoado pela misericórdia do Deus Altíssimo. Ele disse apenas: "Senhor, sou o chinês da rua d' Olaria, João Maria." E entrou no Céu, com seu passinho miúdo.

*Danilo Gomes é membro da Academia Mineira de Letras.

Novos Lançamentos

Por Beth Alves betalves2025@gmail.com



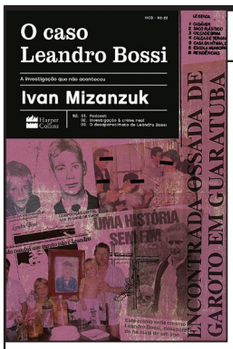
Mistério

Marin Keane está com muita dificuldade para ganhar a vida como atriz. Por isso, fica chocada quando cai em seu colo um papel em uma grande produção cinematográfica sobre um mistério sem solução na ilha de Nova Avalon, localizada em um enorme lago de Vermont. E a surpresa dela só aumenta ao descobrir que o trabalho exige uma viagem de pesquisa para lá durante uma semana. Porque Nova Avalon não é um lugar qualquer. Um século atrás, a ilha hospedava uma comuna para mulheres com habilidades especiais – até que todas desapareceram em 1926. O único vestígio encontrado foi perturbador: cinco vestidos pendurados nos galhos de um velho carvalho, um de cada mulher. Alguns moradores das redondezas dizem que elas simplesmente foram embora. Outros acham que foram assassinadas. Mas, graças a um diário deixado para trás por uma delas, uma jovem chamada Daisy Rue, a opinião prevalecente é a de que uma sessão espírita saiu do controle e invocou algo sobrenatural que as levou, uma a uma. Em meio a um redemoinho de medo e desconfiança, Marin recorre ao diário de Daisy, torcendo para encontrar a resposta sobre o que de fato aconteceu com as mulheres e com Nova Avalon e como evitar que a terrível história do lugar se repita. *Desconhecido* de Riley Sager sai sob a égide da Editora Intrínseca com tradução de Renato Marques.



Acreditar

Quando fica sabendo que um de seus alunos da pré-escola e o irmãozinho dele precisam de um lar adotivo temporário, Harper Anders não pensa duas vezes e decide acolhê-los. Só que seu apartamento está em obra após um alagamento e só há um local para onde ela pode levar os meninos assim, de última hora: a casa de Knox Daniels, melhor amigo de Ryker, seu irmão mais velho. Knox só vai voltar à cidade daqui a um mês, junto com outros bombeiros de elite para recompor a lendária equipe que morreu em serviço há pouco mais de dez anos. Até lá, Harper já terá desocupado a casa, então não vai precisar se encontrar com Knox, por quem é secretamente apaixonada desde a infância, e eles podem continuar fingindo que não se beijaram impulsivamente sete anos atrás. Afinal, ela não quer que seus sentimentos por Knox prejudiquem a longa amizade entre ele e Ryker. O plano não tem como dar errado. O problema é que Knox aparece um mês antes do previsto, lindo como sempre, e promete que os dois meninos não serão adotados por famílias diferentes. Para isso, basta que ele e Harper finjam que têm um relacionamento estável. Nesse momento, Harper se dá conta de que estava redondamente enganada. *Uma Razão para Acreditar* de Rebecca Yarros sai sob a égide da Editora Arqueiro, com tradução de Karen Alvares.



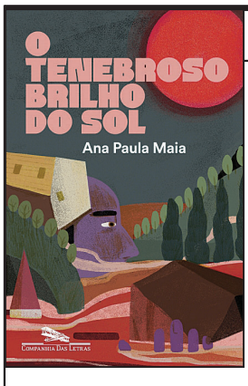
Desaparecidos

Guaratuba, litoral do Paraná, 15 de fevereiro de 1992. Leandro Bossi desaparece sem deixar vestígios – e, com ele, some também a tranquilidade de uma cidade inteira. Por mais de três décadas, o desaparecimento de Leandro Bossi permaneceu como uma nota de rodapé na história de um crime maior. Nunca recebeu a atenção devida nem foi investigado com o rigor que um caso dessa magnitude exigia. Afinal, em seu horizonte, havia a sombra de outro horror: o caso Evandro, com sete acusados e uma trama diabólica que levariam ao julgamento mais longo da história do Judiciário. Os dois casos se entrelaçaram quando se descobriu que os restos mortais atribuídos a Leandro Bossi haviam sido encontrados a poucos metros do local onde o corpo de Evandro fora abandonado. Neste livro-reportagem impressionante, *O Caso Leandro Bossi* (Editora HarperCollins), Ivan Mizanzuk revisita minuciosamente todos os acontecimentos que cercam o desaparecimento de Leandro Bossi e cumpre, em parte, uma tarefa que deveria ter sido responsabilidade das autoridades. Reunindo documentos e depoimentos inéditos e espelhando as contradições, o autor reconstrói, peça por peça, os fatos daquele fevereiro de 1992 e lança uma nova luz sobre um dos episódios mais enigmáticos da história criminal brasileira. Um desfecho surpreendente para a trilogia investigativa que, ao lado de *O Caso Evandro* e *O Caso Altamira*, intrigou o país inteiro.



Reinventar

No coração do sertão ergue-se *A Casa de Todos os Santos* – um lugar cercado por silêncio, promessas e segredos que atravessam gerações. Cota – Maria Angelita de Todos os Santos – cresce entre silêncios, perdas, segredos de família e a dureza de um sertão onde o destino feminino parece sempre traçado por mãos alheias. Entre a casa pobre da mãe lavadeira e a convivência com a família de posses de Romeão e Gemma, sua infância se constrói entre afetos interrompidos, alianças silenciosas e a descoberta precoce de que ser mulher exige coragem. Ao lado da irmã Benigna, da prima Efigênia e de tantas outras mulheres marcadas pela lida, pelo corpo e pela sobrevivência, Cota atravessa um mundo em que honra, casamento, maternidade e desejo são moedas de troca. Com linguagem poética, forte densidade emocional e um sertão pulsando como personagem viva, Lita Maria constrói um romance sobre ancestralidade, culpa, permanência e reinvenção. *A Casa de Todos os Santos* (eBook Kindle) de Lita Maria, é uma narrativa que traz a simbologia da casa, como eternidade. Integra o projeto *Ciclo de Vozes do Sertão*, retratando a ancestralidade, a força feminina e a memória no sertão brasileiro por meio da personagem Cota.



Sobrevivente

A lama levou tudo: casas, pessoas, famílias, um vilarejo inteiro. Eliote é o único remanescente do desastre, atuando como vigia da represa e escavando obsessivamente a terra em busca do corpo dos filhos. No entanto, fenômenos que desafiam o senso comum começam a ocorrer. Antes de ser tragado pela lama, o vilarejo tinha seus ritos peculiares, como a "coberta da alma", na qual, durante uma semana, uma pessoa vivia como um morto, usando suas roupas e conversando como ele. A estranheza desse ritual ainda assombra Eliote, por tê-lo ensinado a conviver com as ausências. Agora, sua única companhia são os manequins que ele coleciona em meio à devastação. Tudo muda quando acontecimentos difíceis de descrever começam a ser captados pelas câmeras, como um orbe luminoso de origem desconhecida. Depois de completar sua *Trilogia do Fim*, Ana Paula Maia mergulha mais diretamente no terror, em especial a vertente *folk horror*, que seduz por seu diálogo com crendices, superstições e os resíduos de um país arcaico. *O Tenebroso Brilho do Sol* (Companhia das Letras) é uma narrativa breve, mas de impacto imenso, que constrói pouco a pouco, sob um terreno movediço, uma história pavorosa, de final chocante. Ana Paula Maia é autora de diversos romances, entre eles *Assim na Terra como Embaixo da Terra* e *Enterre seus Mortos*, primeiro volume de sua *Trilogia do Fim*.



Trajetória

Escritor, dramaturgo e ativista renomado, João Silvério Trevisan reflete sobre a memória como uma forma de resistência ao esquecimento. Partindo da própria trajetória, atravessada pela literatura e pela dissidência, o autor mostra que recordar não é apenas olhar para trás, mas preservar experiências que continuam produzindo sentido no presente. A memória, aqui, surge como uma força viva, para além de um arquivo do passado, capaz de iluminar o presente e renovar os significados das histórias que contamos sobre nós mesmos e sobre o mundo que habitamos. Em *O Que Não Se Pode Apagar* (Editora Planeta), temas que atravessam a vida e a obra do autor – como o ato da escrita, a vivência dos afetos e a luta por reconhecimento – ganham novos contornos. Ao revisitar alguns momentos decisivos, de perdas e de conquistas em sua vida, João Silvério evidencia como as experiências individuais se inscrevem na história de seu tempo. Sem nostalgia ou idealizações, o autor reafirma o valor de narrar a própria experiência, reconhecendo nas memórias não apenas um abrigo, mas um modo de sobreviver e resistir diante daquilo que pode ser silenciado ou apagado. Entre seus livros podemos destacar: *Devassos no Paraíso*; *Pai, Pai*; *Ana em Veneza: Veneza verão de 1890*; *A Resistência dos Vaga-lumes*; *A Idade de Ouro do Brasil*; *Seis Balas num Buraco Só: A crise do masculino*.

Em todos os momentos da sua vida,
**o comércio de bens,
serviços e turismo está lá.**

#emtodososmomentos



A vida é feita de emoção. De sonhos e conquistas.
De planejamento e realização. E em todos os momentos, pode olhar:
O comércio de bens, serviços e turismo está sempre ao seu lado.
Trabalhamos para que esses setores sejam fortes e gerem emprego e renda.
Mas, principalmente, que eles façam a sua vida muito especial.

**CNC. Em todos os
momentos da sua vida.**

CNC · Federações · Sindicatos · Sesc · Senac
Sistema Comércio

Clarice, Washington e Brasília*

Por João Almino**

Clarice Lispector chegou em Washington, acompanhando seu marido, o diplomata Maury Gurgel Valente, em 1952, permanecendo ali até 1959, sua mais longa estada numa cidade estrangeira. Naquele último ano, ela se separou do marido.

Quando fez uma primeira visita a Brasília, ficou hospedada com ele, com quem manteve relações amistosas, como diz em carta às irmãs em maio de 1959: "Creio que Maury está aos poucos entendendo que minha amizade por ele é imensa, que eu farei ou faria por ele tudo o que uma grande amiga faria."



Clarice Lispector e o diplomata Maury Gurgel Valente, em Berna, Suiça em 1940.

Suas impressões iniciais de Washington, expõe em carta de fevereiro de 1953 a Helena Valladares e Fernando Sabino, seu principal correspondente daquela época: "…felizmente vocês conhecem, e assim não preciso tentar tornar concreta essa cidade vaga e inorgânica. É bonita, segundo várias leis de beleza que não são as minhas. Falta bagunça aqui, e não compreendo cidade sem certa confusão. […] Todos só falam da maravilhosa primavera…, com tal frequência que começo a sentir alguma inimizade pela primavera." A Rubem Braga, em abril do mesmo ano, afirma ser "uma cidade tão larga, de ruas tão abertas, que dá pouco aconchego, dá impressão de vazio, de falta do que fazer…" Quando vai ao Rio em 1954, escreve a Eliane e Mozart Gurgel Valente: "Chegando ao Rio é como se eu tirasse um sapato apertado!" Vai morar no Rio com as crianças quando Maury é transferido.

Quem visse fotos de Clarice com suas colegas, mulheres de diplomatas, em eventos em Washington ou lesse suas cartas sobre assuntos do Itamaraty (referências a pessoas da carreira, cargos ocupados, transferências a novos postos e a recepções na Embaixada), poderia ficar com a impressão de que lhe teria sido fácil desempenhar o papel social de mulher de diplomata. Confessaria, porém, a suas irmãs Elisa Lispector e Tania Kaufmann em outubro de 1956: "Só vou ao que é estritamente dever… O meio não me interessa, as conversas não me interessam, os problemas deles não me interessam. Dar jantar em casa é outro sacrifício." E em novembro: "Aqui tudo bem, apesar de umas festinhas da embaixada tão chatas que parecem um pesadelo."

A contrastar com aquela chatice, havia a relação com Mafalda e Érico Veríssimo. Numa carta a Eliane e Mozart Gurgel Valente, de maio de 1954, diz que vê Mafalda "com todo gosto numa média de quatro vezes por semana, ou mais ainda. Com os Veríssimos, fazemos programa de cinema, teatro, restaurantes, passeios fora da cidade, etc." Na entrevista que fez a Érico, inicialmente publicada na revista *Manchete* em 1969, ela afirma: "estou me lembrando com saudade de Washington, eu como mulher de diplomata, e você trabalhando na OEA. Você se lembra de como eu fazia ninho na vida e na casa de vocês? … Eu… estava escrevendo…*A Maçã no Escuro*."

Washington marcou sua escrita desse romance. Numa carta a Eliane e Mozart Gurgel Valente, de fevereiro de 1955, afirma: "Estou louca para me livrar de um romance que estou fazendo há tanto tempo e que não se resolve, e que me pesa como uma gravidez sem parto." O primeiro título que lhe veio foi *A Veia no Pulso,* comunicado em maio de 1956 a Fernando Sabino, que observou o cacófato "aveia". Depois de concluído, após uma densa troca de correspondência com Sabino, conversas com Veríssimo e dúvidas de José Olympio e de Ênio Silveira, da Civilização Brasileira, a publicação somente ocorreu em 1961, pela Francisco Alves.

Para Clarice, eram duas cidades artificiais, Washington e Brasília. Faltava bagunça numa. A outra, nas palavras de sua crônica "Nos primeiros começos de Brasília", publicada no *Jornal do Brasil* em junho de 1970, fora "construída na linha do horizonte. – Brasília é artificial. Tão artificial como devia ter sido o mundo quando foi criado." Diz que os dois arquitetos de Brasília "ergueram o espanto".

A mim, espantou-me uma passagem, da qual me apropriei no meu quarto romance, *O Livro das Emoções,* narrado em primeira pessoa por um fotógrafo que ficou cego. Ele dita a seu diário:

"Ouvi no computador a crônica de Clarice que, numa passagem, define os brasiliários:

'Brasília é de um passado esplendoroso que já não existe mais. Há milênios desapareceu esse tipo de civilização. No século IV a. C. era habitada por homens e mulheres louros e altíssimos que não eram americanos nem suecos e que faiscavam ao sol. Eram todos cegos.... Quanto mais belos os brasiliários, mais cegos e mais puros e mais faiscantes, e menos filhos. Os brasiliários viviam cerca de trezentos anos.' Imaginei que, se pudesse viver trezentos anos e não tivesse gerado um filho, seria a reencarnação de um brasiliário", diz meu personagem, que, diante do infortúnio de perder seu companheiro, um cão, se fixa noutra passagem: "Brasília é o fantasma de um velho cego com cajado fazendo toc-toc-toc. E sem cachorro, coitado."

O embaixador Rubens Ricupero relata em suas *Memórias,* livro publicado pela Unesp em 2024, que na visita feita por Clarice a Brasília nas festas de fim de ano de 1962, num jantar oferecido por Maury no recém-inaugurado Hotel Nacional, "um rato de bom tamanho" fez com que ela subisse "apavorada numa mesa". Tal episódio teria inspirado a seguinte passagem na famosa crônica: "Foi construída sem lugar para ratos. Toda uma parte nossa, a pior, exatamente a que tem horror de ratos, essa parte não tem lugar em Brasília."

---

*Artigo previamente publicado na Pernambuco Revista de Literatura, Ano 3, n. o 29, Mai. 2026

**João Almino é romancista, autor de *Cidade Livre*, ocupa a Cadeira 22 da Academia Brasileira de Letras.

"Guardar": coleção de destaque inaugura na Casa Roberto Marinho

Manoela Ferrari



Eduardo Sued, Sem título, 2007.

De Kandinsky e Max Bill a Lygia Clark e Beatriz Milhazes: a Casa Roberto Marinho inaugura para o público, no dia 19 de novembro, a exposição "Guardar", dedicada ao acervo particular de Marcia e Luiz Chrysostomo. O percurso reúne trabalhos históricos raramente vistos no país.

Com curadoria de Paulo Venancio Filho, a mostra apresenta cerca de 300 obras e percorre diferentes momentos da arte brasileira e internacional, das vanguardas do início do século XX à produção contemporânea.

A exposição amplia uma relação iniciada em 2023, quando o casal participou de "Conversas entre Coleções", também na Casa Roberto Marinho, estabelecendo diálogos entre trabalhos de seu acervo e obras da instituição. Agora, pela primeira vez, a Casa dedica uma mostra exclusivamente a esse conjunto.

Um poema do filósofo e escritor carioca Antonio Cícero, de 1996, que acompanha Luiz Chrysostomo há décadas, inspira o título da exposição. A ideia de guardar como gesto de cuidado e preservação encontra correspondência na própria história da coleção, que não nasceu de um projeto previamente definido, mas de uma relação continuada com a arte.

"Uma coleção é uma constelação viva", escreve Paulo no texto curatorial. Para ele, um acervo dessa natureza nunca está concluído: cada nova aquisição cria relações e contágios intencionais ou inesperados. Seu ponto de partida foi reconhecer a fisionomia que Marcia e Luiz imprimiram ao conjunto ao longo dos anos. "Meu cuidado foi não chegar com a autoridade do curador. Procurei entender a coleção tal como ela é."

A geometria e a cor conduzem as primeiras salas, com nomes como Ivan Serpa, Amilcar de Castro, Judith Lauand, Sergio Camargo e Franz Weissmann, ao lado de artistas internacionais como Bridget Riley e Vera Molnár. A relação entre abstração geométrica e arquitetura moderna aparece em outro núcleo, no qual obras convivem com projetos e publicações ligados a Oscar Niemeyer, Le Corbusier e à Bauhaus.

Livros de artista, publicações raras e documentos históricos, apresentados em vitrines, reforçam o caráter investigativo da coleção e seu interesse pelas origens de questões presentes na produção brasileira.

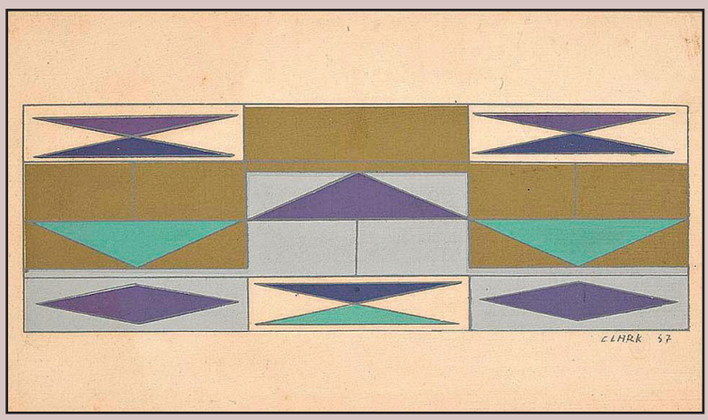


Tomie Ohtake , Sem título, 1986.

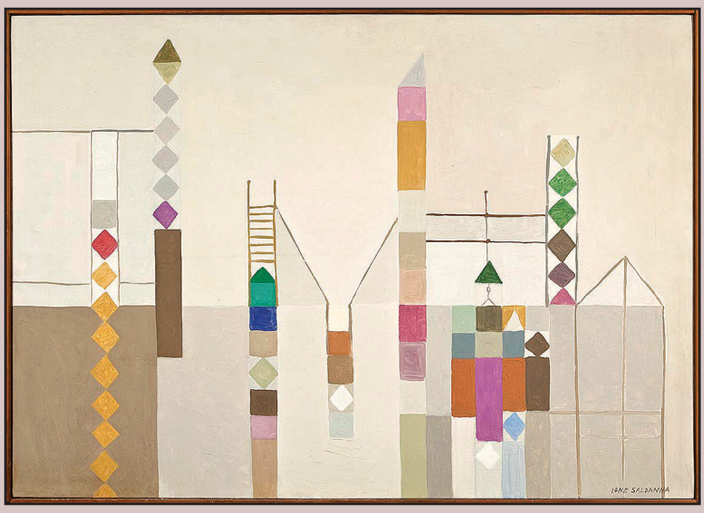
Economistas de formação, Marcia e Luiz construíram trajetórias profissionais distintas, sem se afastar do interesse comum pela arte. Luiz desenvolveu uma atuação continuada no campo cultural, como curador e também no âmbito institucional. Marcia, com trajetória profissional no mercado financeiro, é psicanalista, mestre em Economia e pós-graduada em História da Arte e Arquitetura. Com o passar dos anos, o acervo do casal adquiriu uma estrutura própria, marcada pelo pensamento construtivo, pela investigação das origens dos movimentos e pelas relações que as obras estabelecem entre si. "A palavra construção é a coisa mais forte da coleção", afirma Luiz. Para ele, a definição não se restringe à geometria rígida: abrange o círculo, a curva, o ponto, a linha, a palavra e a poesia.

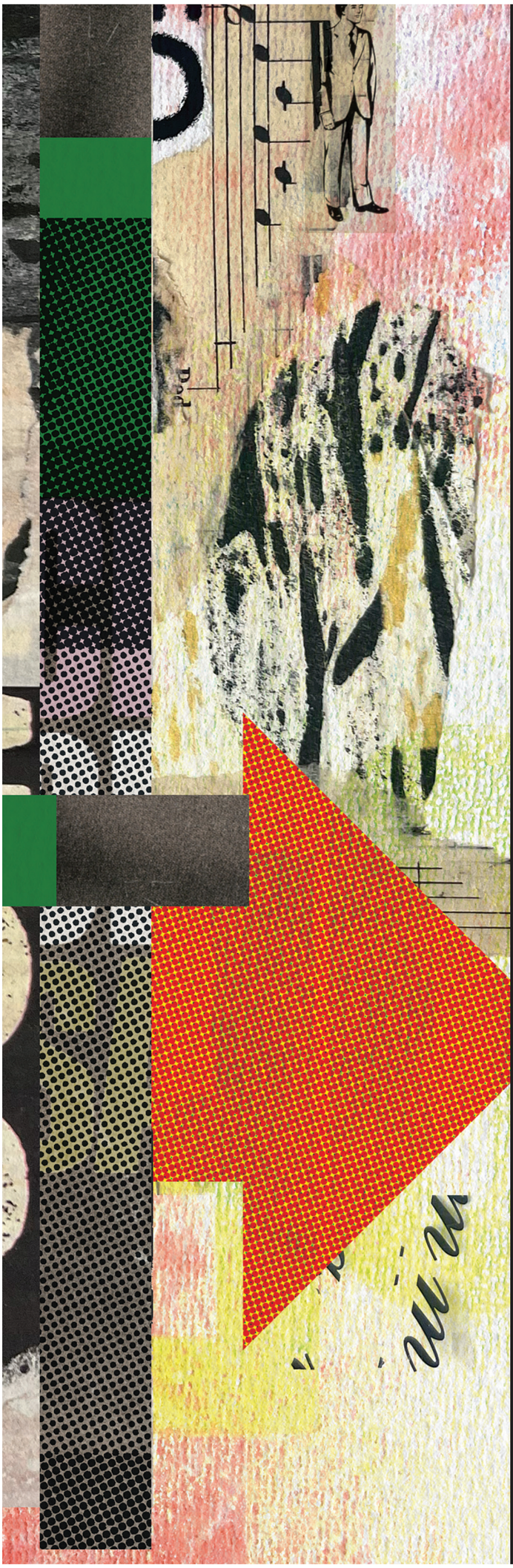
A exposição poderá ser apreciada até o dia 14 de março de 2027, com visitação de terça a domingo, das 12h às 18h, na Casa Roberto Marinho.

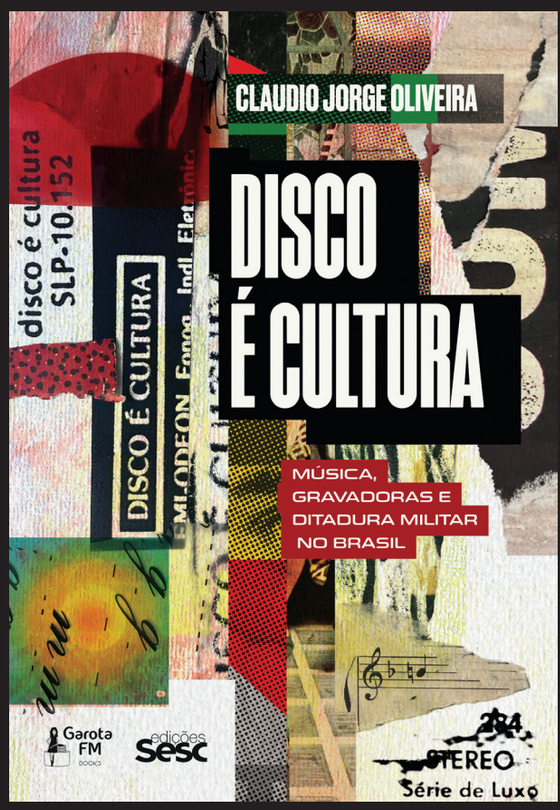
Lygia Clark, serigrafia sobre papel, 1957.



Ione Saldanha, "Aparelhos", 1956.







Neste livro, o jornalista Claudio Jorge Oliveira traça a trajetória das gravadoras no Brasil, desde 1902, revelando as relações entre música, mercado e Estado. Oliveira destaca os meandros da lei criada pela ditadura militar, em 1969, com o slogan Disco É Cultura.

saiba mais em
sescsp.org.br/edicoes

/edicoessescsp

Sesc 80 ANOS